

UNIVERSIDADE SAGRADO CORAÇÃO

MARIANA MAYUMI ESPONTÃO

**MÍDIA, OPINIÃO PÚBLICA E GLOBALIZAÇÃO NO
CONTEXTO DAS RELAÇÕES INTERNACIONAIS:
UM ESTUDO DE CASO EM TORNO DAS
OLIMPÍADAS RIO 2016**

BAURU
2016

MARIANA MAYUMI ESPONTÃO

**MÍDIA, OPINIÃO PÚBLICA E GLOBALIZAÇÃO NO
CONTEXTO DAS RELAÇÕES INTERNACIONAIS:
UM ESTUDO DE CASO EM TORNO DAS
OLIMPÍADAS RIO 2016**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Centro de Ciências Exatas e Sociais Aplicadas como parte dos requisitos para a obtenção do título de bacharel em Relações Internacionais, sob orientação do Prof. Dr. Bruno Vicente Lippe Pasquarelli.

BAURU
2016

Espon tao, Mariana Mayumi

E777m

Mídia, opinião pública e globalização no contexto das relações internacionais: um estudo de caso em torno das Olimpíadas RIO 2016 / Mariana Mayumi Espon tao. -- 2016. 70f. : il.

Orientador: Prof. Dr. Bruno Vicente Lippe Pasquarelli.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Relações Internacionais) - Universidade do Sagrado Coração - Bauru - SP

1. Mídia. 2. Relações internacionais. 3. soft power. 4. Ator emergente. 5. Olimpíadas. I. Pasquarelli, Bruno Vicente Lippe. II. Título.

MARIANA MAYUMI ESPONTÃO

**MÍDIA, OPINIÃO PÚBLICA E GLOBALIZAÇÃO NO CONTEXTO
DAS RELAÇÕES INTERNACIONAIS: UM ESTUDO DE CASO EM
TORNO DAS OLIMPÍADAS RIO 2016**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Centro de Ciências Exatas e Sociais Aplicadas como parte dos requisitos para a obtenção do título de bacharel em Relações Internacionais, sob orientação do Prof. Dr. Bruno Vicente Lippe Pasquarelli.

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Bruno Vicente Lippe Pasquarelli
Universidade Sagrado Coração

Prof. M.^a Roberta Cava
Universidade Sagrado Coração

Prof. M.e Fabio José de Souza
Univerisade Sagrado Coração

Bauru, 30 de novembro de 2016.

Dedico este trabalho aos meus pais Ana e Henrique por me darem todo o apoio e auxílio necessário, estando sempre presentes em minha rotina.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer, primeiramente, à minha família por toda a paciência e compreensão durante este período.

Meus pais, obrigada por sempre me incentivarem e prometerem que tudo daria certo no final. Também agradeço por terem me proporcionado a oportunidade de uma graduação e um futuro mais promissor.

Aos meus amigos da faculdade, por sempre estarem presentes e terem tornado a rotina universitária bem menos árdua e mais divertida. E também por compartilharem comigo estes momentos finais dentro do curso.

Ao meu orientador e professor Bruno Vicente Lippe Pasquarelli, por ter acompanhado cada passo deste trabalho sempre me auxiliando e me encorajando em todas as situações.

À professora e coordenadora do curso de Relações Internacionais, Beatriz Sabia pelas ricas contribuições, não somente referente à essa pesquisa, mas também para a vida.

À professora Roberta Cava por todo o apoio e por todas as sugestões relacionadas a este estudo. E ao professor Fábio José de Souza, ambos, pela disponibilidade em participar da Banca Examinadora.

Aos meus amigos pelo auxílio em momentos necessários e pela companhia nos momentos de lazer.

“If doesn't make the world a better
place, don't do it”.

(Kid President)

RESUMO

O poder da mídia no contexto do surgimento de novos atores das relações internacionais configura-se como um campo complexo e incerto. A potencialização das tecnologias comunicacionais e informacionais na era da globalização permitiram que novos tipos de poderes emergissem no cenário mundial e em virtude disso, durante este estudo investigaremos o protagonismo da mídia frente ao *soft power*. Para que isso seja possível, analisaremos as teorias da comunicação e a evolução das pesquisas relacionadas aos mass media em face a opinião pública, bem como as duas principais teorias das relações internacionais referentes ao assunto. Este trabalho foi estruturado em, basicamente, três capítulos, nos quais explicitaremos por meio de pesquisas bibliográficas e por meio do método hipotético-dedutivo a hipótese de que a mídia pode ser considerada um ator emergente das relações internacionais por exercer grande influência em diversos âmbitos. Afirmamos a relêvancia de se estudar sobre o papel da mídia e sua inserção no sistema internacional pois diz respeito a um tema de crescente importância não apenas na sociedade mas também na política, na economia, na cultura e no esporte, campo o qual enfatizaremos durante o último capítulo abordando de que forma a mídia atuou durante os Jogos Olímpicos Rio 2016.

Palavras-chave: Mídia. Relações Internacionais. *Soft Power*. Atores. Olimpíadas.

ABSTRACT

The power of media in the emergence of new actors context in international relations is a complex and uncertain field. The empowerment of information and communication technologies in the globalization era allowed the emergence of new powers in the global scenario, and that's why during this study we will investigate the role of the media as a kind of soft power. To make it happen, we will analyze the communication's theories and the evolution of mass media-related research in face of public opinion, as well, analyze the main theories of international relations relating to the subject. This work was structured in basically three chapters, in which we will explain by using the method of hypothetical-deductive approach and execution of research literature the hypothesis that media can be considered an actor emerging in the international arena because it exerts great influence in several areas. We confirm the importance of studying the role of media and its insertion in the international system because it concerns a topic of growing importance not only in the society area but also in politics, economics, culture and sport, a field that we will emphasize during the last chapter of this study clarifying how the media acted during the Rio 2016 Olympic Games.

Keywords: Media. International relations. Soft Power. Actors. Olympiads.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 A MÍDIA NA ERA DA GLOBALIZAÇÃO	13
2.1 TEORIAS DA COMUNICAÇÃO E A TEORIA DA AGENDA SETTING... 17	
2.1.1 Teoria da Bala Mágica ou Teoria Hipodérmica..... 18	
2.1.2 Teoria de Laswell..... 19	
2.1.3 Teoria funcionalista..... 20	
2.1.4 A teoria crítica e a escola de Frankfurt..... 22	
2.1.5 Teoria da Agenda Setting..... 23	
2.2 A IMPORTÂNCIA DA MÍDIA E SUA FUNÇÃO NA SOCIEDADE MUNDIAL EM TRANSFORMAÇÃO..... 26	
3 MÍDIA, RELAÇÕES INTERNACIONAIS E SEUS ATORES 31	
3.1 O CENÁRIO INTERNACIONAL CONTEMPORÂNEO E AS TEORIAS DAS RELAÇÕES INTERNACIONAIS..... 32	
3.1.1 A Teoria Realista e a Preponderância do Estado em Política Internacional..... 34	
3.1.2 A Teoria da Interdependência Complexa..... 36	
3.3 NOVAS ANÁLISES EM POLÍTICA EXTERNA: A MÍDIA COM ATOR INTERNACIONAL A PARTIR DO CONCEITO DE <i>SOFT POWER</i> 38	
3.4 O CONCEITO DE DIPLOMACIA MUDIÁTICA..... 42	
4 ESTUDO DE CASO: A INFLUÊNCIA DA MÍDIA NOS JOGOS OLÍMPICOS RIO 2016 46	
4.1 ZIKA VÍRUS..... 48	
4.2 INFRAESTRUTURA..... 55	
4.3 QUESTÃO AMBIENTAL..... 59	
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS 66	
6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 69	

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - NYT: Preocupados com o Zika, mais tenistas estão “desistindo” das Olimpíadas.....	48
Figura 2 - BBC: Goleira dos Estados Unidos, Hope Solo, e seu kit “Anti Zika”.....	49
Figura 3 - EL País: Os jogos precisam ser adiados devido a propagação do Zika.....	51
Figura 4 - NYT: Não foram reportados nenhum caso de Zika durante os Jogos.....	53
Figura 5 – Nenhum caso de Zika ocorreu nas Olimpíadas.....	54
Figura 6 - BBC: Queda de ciclovia mata dois no Rio de Janeiro.....	55
Figura 7 - Al Jazeera: Brasil concede U\$ 850 milhões ao Rio para ajudar nos Jogos Olímpicos.....	56
Figura 8 - BBC: Comitê Olímpico Internacional afirma que Rio está pronto para sediar as Olimpíadas.....	57
Figura 9 - NYT: Mantenham a boca fechada.....	59
Figura 10 - Ilustração de uma parte vídeo produzido pelo site chinês Tomonews sobre a poluição nas águas do Rio de Janeiro.....	60
Figura 11 - Tomonews: Ilustração de uma parte vídeo produzido pelo site chinês Tomonews sobre a poluição nas águas do Rio de Janeiro.....	61
Figura 12 - NYT: Olimpíada fez o Brasil esquecer seus graves problemas.....	61
Figura 13 - Al Jazeera: A cerimônia de abertura das Olimpíadas.....	63

Figura 14 - El País: E tudo saiu bem na Rio 2016, imperfeitamente
maravilha.....63

1 INTRODUÇÃO

O campo de estudo denominado relações internacionais é considerado muito recente no contexto da história global, passou a existir após a 1ª Guerra Mundial em 1919, porém na prática, esta ciência já existe há muito tempo, tendo suas raízes ligadas aos relacionamentos entre homens e comunidades na antiguidade. Tornou-se mais evidente com o surgimento do Estado-Nação, sistema criado a partir dos Tratados de *Westfalia*¹. A partir de então, o Estado passa a ser considerado o principal ator pertencente ao âmbito das relações internacionais, principalmente de acordo com a Teoria Realista – Escola a qual trata das relações políticas entre os Estados e considera o sistema internacional um sistema anárquico, ou seja, considera a inexistência de uma autoridade suprema acima dos Estados. Neste paradigma, o poder é o principal objetivo a ser alcançado pelos atores e estes agem de forma egoísta, sempre priorizando o quesito da segurança em detrimento as outras questões. Esta pode ser considerada o principal teoria das relações internacionais, pois mesmo mantendo suas origens na década de 1950 e 1960 ainda conseguimos visualizar inúmeras ideias que são aplicáveis dentro mundo contemporâneo.

As relações internacionais buscam estudar as relações políticas, sociais, econômicas, culturais e até mesmo militares entre os Estados, porém, em determinado momento da história², necessitaram incluir inúmeros novos atores que, definitivamente, exercem grande influência dentro do sistema internacional.

Principalmente durante a segunda metade do século XX, esses novos atores passaram a emergir, tornando o estudo das relações internacionais ainda mais complexo.

Dentro dessa infinidade de agentes internacionais podemos citar as Organizações Internacionais, as Empresas Multinacionais e Transnacionais, as Organizações Não Governamentais, os indivíduos, as administrações

¹ Designa uma série de tratados que encerraram a Guerra dos Trinta Anos. Também inaugurou o moderno Sistema Internacional, ao acatar consensualmente noções e princípios como o de soberania estatal e o de Estado nação.

² Principalmente após a 2ª Guerra Mundial, as Organizações Internacionais passam a deter poder dentro do sistema internacional.

estaduais, municipais e a mídia, ator o qual daremos maior enfoque ao decorrer da pesquisa.

No início do século XX, a Revolução Tecnológica e a globalização introduziram inúmeras transformações no campo das relações internacionais devido ao aumento da interdependência entre os atores estatais e não-estatais. Estes fenômenos também foram fatores imprescindíveis para que os meios de comunicação passassem a alterar significativamente o cenário mundial.

As transformações se referem por exemplo a possibilidade de armazenar, recuperar, processar e transmitir dados e informações em tempo real, possibilidades as quais colaboraram para a criação da sociedade em rede e além disso para uma efeito de aproximação no que diz respeito aos países, ou seja, com esse fenômeno o planeta parece estar cada vez mais interligado e menor.

Além disso, podemos citar também a despolarização da ordem internacional no pós-Guerra Fria, mudança do modelo de sistema internacional que obrigou, não apenas a reformulação de postura dos Estados mas também a reformulação dos conceitos que antes os definiam.

Neste momento é plausível citar que a interdependência é a corrente teórica de onde se originam as ideias da sociedade de informação. Desenvolvida por Keohane e Nye, este paradigma enxerga a interdependência em política mundial como “[...] situações caracterizadas por efeitos recíprocos entre os países ou entre atores em diferentes países”. (KEOHANE e NYE, 1989, p. 08)

Essa nova configuração passou a ter peso no relacionamento entre os países e nos conflitos recorrentes entre os mesmos. Dessa forma, junto ao surgimento dos novos atores, a mídia emerge como um ator de suma importância, com crescente protagonismo, porém gera inúmeros questionamentos - primeiramente pelo fato de ser um ator recente e em segundo lugar por ser um ator que possui múltiplas faces e que muda sua atuação dependendo do contexto.

A partir disso, a comunidade internacional começou a ser influenciada pelas notícias transmitidas através da imprensa, deixando evidente a

significância de se pesquisar sobre este elemento e a importância dada a ele diante as mudanças na esfera global.

Buscaremos deixar clara qual a relação entre a mídia e o *soft power*, conceito referente à habilidade política de influenciar indiretamente o comportamento alheio de forma “branda” (não só por parte dos Estados) e também sem a necessidade da utilização do *hard power*, que pressupõe o uso da força para coagir, influenciar ou exercer poder sobre o comportamento de outro.

O estudo formulado propõe demonstrar que nem sempre os meios de comunicação em massa buscam propagar a informação de forma verídica. Também estudaremos o avanço destes meios de comunicação que promoveram uma mudança muito significativa na agenda política dos países, o que torna ainda mais relevante a análise deste tema. Se um Estado tem uma forte máquina midiática, ele tem uma forte *Agenda Setting*, assunto o qual explicitaremos detalhadamente durante a pesquisa, porém, de forma sucinta refere-se a uma hipótese a qual pressupõe que a mídia através da seleção dos temas os quais aborda em suas notícias, afeta de forma significativa os assuntos que a sociedade discute e conversa.

O que impulsionou a realização deste trabalho foi o fato de perceber o quanto os comunicados e as ideias que a mídia apresenta influenciam não só o pensamento da sociedade e suas respectivas tomadas de decisões, mas também como essa ação dos meios de comunicação em massa acabam influenciando na agenda internacional de todos os Estados, e se tornando uma “arma poderosa” dentro da teoria do *soft power* para Joseph Nye, pois para o autor, a capacidade de conseguir resultados por meio da atração em vez da coerção requer eficácia na utilização dos meios de comunicação.

No último capítulo do trabalho abordaremos um estudo de caso que diz respeito a influência que os canais midiáticos tiveram tanto no período anterior as Olimpíadas Rio 2016, como também durante os Jogos e após a finalização dos mesmos. Por meio de notícias disseminadas pelos principais meios de comunicação globais, poderemos notar a discrepância entre as informações contidas nas reportagens durante todo este período.

Portanto, é esperado que este trabalho possa contribuir positivamente para futuras pesquisas e possa demonstrar a real importância de se estudar sobre o tema escolhido.

2 A MÍDIA NA ERA DA GLOBALIZAÇÃO

Castells (1999) afirma que o nosso mundo está em processo de transformação estrutural desde há duas décadas, pois enfrentamos durante o início dos anos de 70 a coincidência histórica de três processos independentes: a revolução da tecnologia da informação; crise econômica do capitalismo e a consequente reestruturação de ambos. Para Castells (1999) o cerne da transformação que estamos vivendo na revolução atual refere-se às tecnologias da informação, processamento e comunicação.

Para que possamos compreender essa transformação, é necessário que tenhamos noção da relevância que as tecnologias da comunicação e da informação passaram a ter no cenário internacional e, atrelado à isso, o domínio que a sociedade possui sobre as mesmas.

Esta modificação contribui para a formação de uma nova organização a qual tem como base as redes de comunicação. Estas redes de comunicação, assim como todas as ferramentas que a globalização³ nos trouxe, necessita de certo “manuseamento” social. À vista disso, é a sociedade quem opta pela forma que irá utilizá-las, ou seja, existe uma grande dependência da capacidade dos seres humanos de conseguir extrair os benefícios trazidos por este novo sistema.

A partir da existência das redes de comunicação, surge a sociedade em rede, que refere-se a sociedade global baseada em redes globais, na comunicação e na informação digital, ela transcende fronteiras e em outras palavras podemos defini-la como sociedade da globalização, que vive uma nova economia, a economia informacional/global; e uma nova cultura, a cultura

³ O conceito de Globalização implica primeiro e acima de tudo um alongamento das actividades sociais, políticas e económicas através fronteiras, de tal modo que acontecimentos, decisões e actividades numa região do mundo podem ter significado para indivíduos e actividades em regiões distintas do globo. (HELD, David, 1999)

da virtualidade real. A sociedade em rede surge tendo como base a interação entre o desenvolvimento de novas tecnologias da informação e a tentativa da antiga sociedade de reaparelhar-se com o uso do poder da tecnologia para servir a tecnologia do poder.

Antes de ser alcançado este suposto ápice da humanidade, a sociedade passou por um grande processo, considerado também um grande progresso: nos transformamos de sociedade rural, dominada pelo feudalismo durante a Idade Média para sociedade industrial na Idade Moderna, resultado da Revolução Industrial iniciada no século XVIII que mecaniza o sistema de produção e provoca muitas mudanças no âmbito internacional, como por exemplo em relação ao trabalho, que passa a ser assalariado e a se utilizar de novas máquinas e materiais, aos meios de produção que passam a ser mais eficientes, produzindo de forma mais rápida, com menores custos, entre outras características. A terceira e mais desenvolvida sociedade, é a pós industrial ou sociedade do conhecimento e da informação, caracterizada por Castells (2005, p.18) como “[...] a montanha esplendorosa onde o Homo Sapiens vai finalmente realizar o seu estado dignificante”. A referida sociedade da globalização é estreitamente ligada a tecnologia, ferramenta a qual não é uma força independente (depende da manipulação humana), o que pressupõe que seja fundamental ter conhecimento dos benefícios e dos malefícios que a mesma possa oferecer. Em outras palavras, devemos conhecer muito bem as particularidades existentes nesta nova era em que a sociedade se encontra para que possamos utilizá-las no seu melhor potencial.

Acabamos dessa forma retomando o tópico anterior, onde evidenciamos a dependência que a tecnologia possui em relação aos seres humanos, pois apesar de ser totalmente possível atingir supostos objetivos benéficos para a sociedade e para o mundo, também é indispensável saber que este novo cenário possui sua capacidade negativa e destrutiva, caso não seja explorada da melhor maneira. De acordo com Silvertone (2002, p.49), as tecnologias “surgem, existem e expiram em um mundo que não é totalmente criado por elas [...]”,

E o que (Marshall) McLuhan articula e ao mesmo tempo reforça irrefletidamente é quase um universal na cultura, em que a tecnologia

pode ser vista como encantamento. A expressão é praticamente a mesma de Alfred Gell. Ele a emprega para descrever tecnologias de encantamento que os humanos criaram para “exercer controle sobre as ideias e as ações de outros seres humanos” (GELL, 1998, p.7), referindo-se com isso à arte, à música, à dança, à retórica, aos presentes e a todos os artefatos intelectuais e práticos que surgiram para nos permitir expressas toda a gama das paixões humanas, isto é, a mídia. (SILVERTONE, 2002, p.49)

Ainda seguindo esta linha de pensamento, Castells (2006) realiza uma breve comparação entre a Era da Informação e a Era Industrial, onde menciona o Holocausto⁴ e a proporção da destruição causada pelo Nazi-Fascismo e Stalinismo em meados do século XX, aspectos os quais o autor equipara ao poder autodestrutivo que a tecnologia proporciona a essa Nova Era, como por exemplo o aquecimento global, as epidemias, o suporte ao terrorismo, etc.

Talvez nos séculos passados fosse inimaginável a possibilidade de alcançarmos o grau tecnológico e informacional que alcançamos hoje. A comunicação era realizada inter pessoalmente, ou seja, os atores interagiam entre si através da fala, durante grande parte da história da humanidade a fala foi o principal meio de comunicação utilizado pelos homens. A evolução para a escrita é considerada um grande alicerce para a comunicação, pois dessa forma foi possível a criação de registros que puderam fazer a comunicação vencer o tempo e o espaço. Hoje, o sistema de comunicação midiático cria um relacionamento entre as instituições, organizações e a sociedade, sociedade a qual Castells (2005) define como “receptores coletivos de informação”, ou seja, todos recebem uma grande quantidade de informações onde cada indivíduo processa e interpreta de uma forma diferente, de acordo com seus valores e etc,

Em 1865, o ator John Wilkes Booth assassinou o presidente norte-americano Abraham Lincoln em um teatro em Washington. Levou 12 dias para que a notícia chegasse a Londres. Um pequeno barco saído da costa da Irlanda encontrou o navio que trazia a mensagem dos Estados Unidos, e a notícia foi telegrafada pra Londres a partir de Cork, antecipando-se ao navio em 3 dias. Apenas na década de 1950, foi implantado um cabo transoceânico para transmitir telegramas através do Atlântico – embora a transmissão de rádio por ondas longas entre os continentes tenha se tornado possível no

⁴ O Holocausto foi a perseguição e o extermínio sistemático, burocraticamente organizado e patrocinado pelo governo nazista, de aproximadamente seis milhões de judeus pela Alemanha e seus então colaboradores.

começo do século XX. Em 11 de setembro de 2001, terroristas sequestraram três aviões e os usaram para atacar locais em Washington e Nova York. Quando o segundo avião colidiu contra as Torres Gêmeas em Nova York, aproximadamente 20 minutos depois da primeira torre ser atingida, estima-se que uma audiência global de dois bilhões de pessoas assistiram ao ataque na televisão em tempo real.” (GIDDENS, 2011, p. 514)

Durante o século XXI, os seres humanos podem a todo momento compartilhar informações de forma instantânea e simultânea com qualquer continente do planeta, como se não houvesse mais distância, como se dispensássemos a necessidade da presença física. Podemos citar a invenção da máquina de impressão com tipos móveis por Gutenberg⁵ durante o século XV como uma importante precursora dos novos meios de comunicação modernos. No século XX a criação das novas tecnologias digitais revolucionaram o sistema dos meios de comunicação massificados, tais como o celular, a internet, a televisão digital, o videogame, entre outros.

É importante destacar que, mesmo com a revolução digital, o acesso aos meios de comunicação são bem mal distribuídos, e uma pequena parcela da população mundial possui acesso à eles. Por exemplo, a internet (inclusa dentro do *rol* de atores das relações internacionais como um tipo de mídia) é um meio de comunicação que se disseminou rapidamente, hoje este “mundo virtual” é um dos mais utilizados globalmente. Porém, de acordo com uma pesquisa anunciada por uma agência da ONU, no ano de 2000 cerca de 10% da população global usava a internet, em 2007 essa porcentagem subiu para 18%, e em 25 de novembro de 2014 o mundo já possuía quase 3 bilhões de usuários na internet, cerca de 40% da população global. O que provoca um desequilíbrio seria o fato de que os países mais desenvolvidos possuem mais usuários, enquanto o número de pessoas com acesso nos países em desenvolvimento é menor, mas está a aumentar. A mesma pesquisa divulgada pela ITU (*International Telecommunications Union*) também avalia que a África é o continente com menor quantidade de habitantes com acesso à internet, apenas 19% da população africana é usuária, deixando clara a desigualdade

⁵ Johannes Gutenberg (Mogúncia, ca. 1398 — 3 de fevereiro de 1468) foi um inventor e gráfico alemão. Sua invenção do tipo mecânico móvel para impressão começou a Revolução da Imprensa e é amplamente considerado o evento mais importante do período moderno. Desenvolveu um sistema prático que permitiu a produção em massa de livros impressos e que era economicamente rentável para gráficas e leitores

existente em relação ao uso da rede. Nesse momento é conveniente pensar que por mais que a globalização tenha permitido um enorme avanço tanto em âmbito político, quanto social, econômico e cultural, o fenômeno também trouxe esse aumento na desigualdade ao acesso à inúmeras situações, neste caso, ao acesso a informação.

Esse forte laço criado entre as instituições e a sociedade, não somente através da internet, mas também através de todos os outros meios de comunicação em massa como a televisão, o rádio e os jornais acaba sendo fundamental para a formação da consciência e da opinião pública internacional.

Um trecho do livro “Porque Estudar a Mídia” de SILVERSTONE (2002) descreve de forma básica como um simples meio de comunicação, no caso a televisão, pode transformar a cabeça das pessoas,

Uma pesquisa conduzida sob a direção de George Gerbner (1986) na Universidade da Pensilvânia por vários anos mostra que os que veem televisão mais intensamente, uma atividade que eles definem como “predominante”, começam a articular uma visão de seu mundo que é unicamente o mundo da televisão, como ela faz, esse mundo em termos um tanto distanciados das realidades de suas vidas cotidianas. O mundo é visto através das lentes da televisão, por assim dizer; e, segundo os pesquisadores, esses espectadores predominantes são como resultado disso, mais ansiosos, mais medrosos, mais conservadores. (SILVERSTONE, 2002, p. 176)

Neste trecho notamos de forma nítida a influência que a mídia em geral, não apenas a televisão, possui sobre os telespectadores.

Nesse sentido, se torna nítida a importância que um ator não estatal, no caso a mídia, possui em relação aos indivíduos e também sobre o cenário internacional. Concluimos que a globalização e todas as transformações ocorridas no século XX contribuíram para o surgimento de novos atores que atuam de forma direta ou indireta, mas de alguma forma exercem influência.

No próximo capítulo procuraremos entender a evolução das teorias relacionadas aos meios de comunicação e como as mesmas afetam as agendas internacionais.

2.1 TEORIAS DA COMUNICAÇÃO E A TEORIA DA AGENDA SETTING

Neste capítulo, buscaremos entender a forma de evolução das teorias que dizem respeito às pesquisas dos meios de comunicação e suas respectivas influências na opinião pública, realizando um breve resumo acerca

dos principais paradigmas sobre os efeitos da comunicação e também como essas hipóteses contribuiriam para a formação da teoria da *Agenda Setting*.

No final do século XIX, iniciou-se o debate a respeito dos efeitos da imprensa na formação da opinião pública. Um dos pioneiros a criar um modelo sobre a influência da comunicação na opinião pública na democracia de massa foi Gabriel Tarde que, em um ensaio publicado em 1898 relatou que o espaço público da democracia de massa era formado por quatro elementos: a imprensa, a conversa, a opinião e a ação. Neste plano, a imprensa teria como função divulgar o calendário político e a agenda de discussão ao qual a pessoas teriam que reagir, conversar, opinar e tomar uma posição. As teorias, tanto pioneiras quanto as atuais, possuem de certa forma um viés político pois buscam entender a influência dos meios de comunicação em massa não apenas sobre a opinião do cidadão, mas também sobre as escolhas políticas dos mesmos. Por exemplo, em 1922, Lippmann⁶, em seu livro *Public Opinion* sustenta que na democracia de massa, a opinião política do cidadão comum é guiada mais pelas opiniões e slogans dos jornais do que por um julgamento crítico e racional individual. Dessa forma, surgem algumas teorias com o intuito de explicar a evolução dos meios de comunicação em relação ao público.

2.1.1 Teoria da Bala Mágica ou Teoria Hipodérmica

Nas primeiras décadas do século XIX, tendo como base o *behaviorismo*⁷, surge a primeira abordagem mais relevante sobre os efeitos da comunicação. Fazendo parte do campo da Psicologia social, esta “teoria” se referia de forma ingênua aos meios de comunicação afirmando que o conteúdo exibido pela mídia atingiria os indivíduos de maneira uniforme, isto é, os receptores não questionariam as informações recebidas. A esta teoria foi dada o nome de Teoria da Bala Mágica (*Magic Bullet*) ou Teoria Hipodérmica – foi objeto de estudo de inúmeros pesquisadores norte-americanos como por exemplo Herbert Blumer, porém os conceitos foram elaborados pela escola

⁶ Foi o primeiro autor (1997) a enfatizar a capacidade do jornalismo em criar imagens do mundo exterior e nossas cabeças a partir da distinção entre o mundo real e as percepções do mundo real criadas pela imprensa.

⁷ Conceito generalizado que engloba as mais paradoxais teorias sobre o comportamento, dentro da Psicologia.

Norte-Americana a partir de 1930 - Levando em conta suas premissas, bastaria ser injetado algo no corpo dos indivíduos para que eles respondessem ao seu efeito de forma desejada, como uma relação estímulo-reposta. Nesta vertente é essencial se pensar sobre conceito de sociedade de massa, sendo essa massa constituída por um conjunto homogêneo de indivíduos, onde os membros são essencialmente iguais, indiferenciáveis, mesmo que provenham de ambientes diferentes e heterogêneos.

É importante destacar que na época em que a pesquisa se iniciou eclodia a Primeira Guerra Mundial (1914-1919) e essa abordagem tinha como base empírica as propagandas militares que os países, especialmente os Estados Unidos e a Inglaterra, produziam através dos *mass media* para ampliarem seus alcances no conflito com o intuito de persuadir a sociedade, levando-os a um comportamento patriótico de amor à pátria e de ódio aos “inimigos”. A partir dessas pesquisas, foi atribuído a mídia o papel de poderosíssima arma capaz de moldar a opinião pública conforme os interesses do comunicador.

2.1.2 Teoria de Laswell

Logo após, o Cientista Político *Lasswell* (1948) trouxe uma espécie de evolução para a Teoria Hipodérmica, desenvolvendo uma fórmula: quem/ diz o quê/ ao meio/ a quem/ com que efeito.

ESTÁGIOS	QUEM?	DIZ O QUE?	EM QUE	PARA	COM
DO			CANAL?	QUEM?	QUEM
PROCESSO					EFEITO?
FUNÇÃO DO	EMISSOR	MENSAGE	MEIO	RECEPTO	EFEITO
		M		R	

Tabela 1 – Modelo de *Lasswell*

Fonte: Adaptado e traduzido livremente de: WOLF, Mauro. Teorias da Comunicação. Mass media: contextos e paradigmas. Novas tendências Efeitos a longo prazo. O *newsmaking*. 1985. Título original: Teorie delle Comunicazioni di Massa.

O autor utilizava as análises dos efeitos e a análise de conteúdo, o que propiciou uma avaliação mais objetiva, sistemática e quantitativa ao relacionar o conteúdo com a audiência. Deste modo, esse modelo transformava a comunicação em algo observável e capaz de sofrer alterações referentes aos efeitos na audiência caso ocorresse qualquer mudança durante as etapas do processo. Segundo *Lasswell*, em sua obra *Propaganda Techniques in World War*, grande parte do que era possível fazer por meio da violência e intimidação, poderia, a partir de então, ser feito pela argumentação e persuasão, através da mídia.

Em 1944, alguns autores, como por exemplo *Lazarsfeld*, *Berelson* e *Gaudet*, relatavam e discutiam no livro *The People's Choice: How the voter makes up his mind in a Presidential Campaign* (1968) sobre uma ampla pesquisa realizada em um pequeno condado em Ohio (Estados Unidos) onde investigaram a possibilidade de influência dos meios de comunicação em massa na preferência eleitoral da audiência. Eles construíram um modelo explicativo que relacionava o eleitor e os meios de comunicação e em suma, concluíram que a simples exposição às notícias e as propagandas eleitorais não produziam efeitos diretos e indiferenciados no público, se contrapondo as teorias anteriormente citadas. *Lazarsfeld* admitia que os formadores de opinião formam suas convicções levando em conta também a troca de pontos de vistas dos outros formadores de opinião, ou seja, a audiência não é passiva e desestruturada. E então, essa teoria que colocava a mídia em segundo plano, passou a ser desafiada por outras teorias apenas nos anos 70 e possui como um de seus modelos mais promissores a Teoria da *Agenda Setting*, que retomava a ideia de que a mídia tinha como função primordial a definição da agenda pública.

2.1.3 Teoria funcionalista

Outra teoria pertencente às Teorias da Comunicação que engloba a função da mídia corresponde a Teoria Funcionalista – Tal teoria busca explicar as funções dos meios de comunicação em massa, porém, em situações cotidianas e não em situações específicas, além de ser uma pesquisa que

estuda os efeitos a longo prazo. Ou seja, o foco se concentra nas funções da mídia na sociedade e não mais em seus efeitos como anteriormente visto. De acordo com Wolf (1999),

(...) O sistema social na sua globalidade é entendido como um organismo cujas diferentes partes desempenham funções de integração e manutenção do sistema. O seu equilíbrio e a sua estabilidade provêm das relações funcionais que os indivíduos e os subsistemas ativam no seu conjunto (WOLF, 1999, p. 57)

O paradigma visa compreender a problemática da mídia sob a ótica da sociedade e dessa forma, esclarece que a mídia exerce duas funções: em primeiro lugar, em situações de ameaças e perigos imprevistos, alertando os cidadãos; em segundo lugar, tem a função de fornecer instrumentos de execução de certas atividades do dia-a-dia, tais como negócios com fins econômicos. De acordo com Robert Merton e Paul Lazarsfeld (1978), os meios de comunicação podem provocar uma espécie de transtorno, por exemplo, as notícias relacionadas a algum tipo de catástrofe ou notícias muito pesadas podem gerar certa sensação de pânico na população, porém, a disfunção mais delicada se refere a possibilidade de conformismo dos indivíduos frente essas situações pelo fato de serem “obrigados” a absorverem uma quantidade de informações muito grande e ao mesmo tempo, fenômeno denominado *vortextuality*, o qual explicaremos de forma mais abrangente nos próximos capítulos. Ou seja, esse grande fluxo de informações pode fazer com que a sociedade enxergue de forma superficial os acontecimentos e não se interessem em atuar sobre eles, se acostumam em receber os dados porém não agem sobre os problemas para solucioná-los.

Eles afirmam a necessidade de reconhecer que os meios de comunicação em massa auxiliam na elevação do nível de informação dos indivíduos mas ao mesmo tempo alertam que é necessária cautela na dosagem dessas informações recebidas. *Merton* e *Lazarsfeld* reiteram que os meios de comunicação de massa podem estar “entre os mais respeitáveis e eficazes narcóticos sociais”, tendo em vista que agem de tal forma que impedem “o viciado a reconhecer sua própria doença” por razão do excesso de exposição a informação.

2.1.4 A teoria crítica e a escola de Frankfurt

Segundo a teoria crítica, uma análise deve considerar em sua pesquisa a sociedade como um todo, e a função dos meios de comunicação em massa no sistema social global, seus principais representantes são Max Horkheimer e Theodor W. Adorno.

A análise que mais se destacou referia-se à indústria cultural⁸, que, de acordo com o paradigma fazia com que os indivíduos consumissem de maneira manipulada, havendo um tipo de continuidade entre o trabalho e o lazer, que simbolizava uma reprodução do trabalho. Em um livro chamado "Dialética do Iluminismo", escrito em 1947 por Adorno e Horkheimer a definição de indústria cultural foi dada como um “[...] sistema político e econômico que tem por finalidade produzir bens de cultura - filmes, livros, música popular, programas de TV etc. - como mercadorias e como estratégia de controle social.” (ADORNO, 2002, p. 43).

De acordo com Mauro Wolf (2006, p. 85) “[...] Na época atual, a indústria cultural é uma estrutura social cada vez mais hierárquica e autoritária, transformam a mensagem de uma obediência irreflexiva em valor dominante e avassalador”. Em outras palavras, a indústria cultural, que na verdade são propriedades de empresas, tem como objetivo o lucro e, devido à isso, não busca de fato vender bens culturais ou artísticos com o intuito de disseminar a “ideologia” de cada país, ela apenas quer comercializar produtos de consumo que ao invés de contribuir para a formação crítica do cidadão, apenas mantém os indivíduos alienados da realidade. Para o autor Adorno, os receptores dessas mensagens, ou melhor dizendo, consumidores, são vítimas dessa indústria.

⁸ O termo “indústria cultural” foi utilizado pela primeira vez por Horkheimer e Adorno na obra Dialética do Iluminismo (1947). Anteriormente, empregava-se o termo "cultura de massa" que, conceitualmente, refere-se a uma cultura que nasce espontaneamente das próprias massas, a uma forma contemporânea de arte popular. Para os referidos autores, essa concepção de que os produtos da indústria cultural são oriundos do povo é equivocada tendo em vista que a indústria cultural, ao aspirar a integração vertical de seus consumidores, não apenas adapta seus produtos ao consumo das massas, mas também determina esse consumo.

Já no que diz respeito ao “lazer reproduzir o trabalho”, os pensadores da Escola de Frankfurt acreditavam que o indivíduo estava impossibilitado de tomar consciência sobre as condições de desigualdade da sociedade por ação da indústria cultural. Para eles, um trabalhador em seu horário de lazer ao invés de se dedicar na realização de atividades em prol de seu bem estar e para aquisição de informações úteis, ocupava seu tempo assistindo televisão, por exemplo, absorvendo os mesmos valores predominantes em sua rotina de trabalho. E dessa forma, a teoria crítica afirmava que a indústria cultural exercia controle sobre a massa, levando os cidadãos a serem consumidores passivos ao invés de cidadãos conscientes.

2.1.5 Teoria da Agenda Setting

Na década de 70, os pesquisadores norte-americanos Maxwell McCombs e Donald Shaw desenvolveram um modelo de pesquisa que desencadeou o início de alguns estudos sobre os efeitos cognitivos da comunicação em massa na preferência política e eleitoral do público, isto é, efeitos que estão ligados ao processo de aquisição de conhecimento. Em 1972, eles descreveram resultados obtidos por pesquisas realizadas em duas campanhas políticas presidenciais ocorridas nos Estados Unidos, com o intuito de compreender qual a influência dos *mass media* sobre o cidadão e seu comportamento político e eleitoral, e depois disso, a hipótese de *agenda setting* passou a apresentar traços mais visíveis.

De acordo com McCombs (1996), a *Agenda Setting* (ou agendamento em português) explica um tipo de efeito cognitivo testado empiricamente, a partir do qual é possível vislumbrar a ideia de que os meios de comunicação em massa são capazes de transferir a relevância de um tema de sua agenda para a agenda da sociedade. Já com outro viés, a *Agenda Setting* é “uma permanente concorrência entre proponentes de temas, com o objetivo de ganhar a atenção dos media do público, e de elites políticas” (DEARING; ROGERS, 1996). Dearing e Rogers definem uma agenda como “um conjunto de temas que comunicam, de acordo com uma hierarquia de importância, em um determinado momento no tempo.” E para ele, “um tema na agenda, por sua

vez, é definido como um problema social, conflitivo, que recebeu atenção dos media” (DEARING; ROGERS, 1996).

Neste caso, o agendamento não diz respeito a organizar algo como reuniões ou estipular datas, a Agenda Setting está vinculada ao estabelecimento de prioridades e pautas, sendo estas as principais incumbências, neste caso, dos meios de comunicação em massa.

De acordo com Bernard Cohen (1963) a imprensa geralmente não diz exatamente ao leitor como ele deve pensar e sim sobre o que ele deve pensar. Esta frase pode ser considerada como ponto de partida para o início das pesquisas dos norte-americanos McCombs e Shaw. Cohen entende que a imprensa seleciona e divulga fatos que competem entre si pela atenção da mídia e da sociedade. Por exemplo, durante uma campanha eleitoral existe uma maior visibilidade e proeminência de certos assuntos em detrimento a outros. Para McCombs e Shaw, este fenômeno é denominado como agenda da mídia, em outras palavras a agenda midiática são as questões e os temas discutidos pela mídia (considerados como importantes). Já os temas melhores absorvidos pelos indivíduos e mais discutidos entre os mesmos (audiência) formam a agenda do público, que também podemos definir, de acordo com Dearing e Rogers (1996), como o grau de importância que o público concede a determinados temas. Para De George (1981) a agenda pública é um conjunto de temas que se encontra relacionado com o que uma pessoa pensa, sobre o que ela conversa e o que ela percebe com os temas atuais difundidos pelos *media*.

De acordo com a teoria, a constatação seletiva por parte do público também é um fator importante pois permite que o público faça uso das informações adquiridas através dos meios de comunicação porém os organizam de modo a criar sua própria agenda. Sendo assim, os temas que a mídia julga importantes, em algum momento quando se tornam importante para o público e transformam a agenda da mídia em agenda do público.

Os temas são questões que passam por momentos de ascensão e queda de importância ao longo do tempo e para compreendermos a Teoria do *Agenda Setting*, necessitamos ter em mente o conceitos de agenda midiática e agenda pública, pois a Teoria é composta pelo funcionamento e pelas relações

observáveis entre as duas, ou melhor dizendo; as duas agendas configuram a *Agenda Setting* em um determinado período e a comparação entre elas permite que seja verificado as possíveis correlações entre ambas e qualificar os eventuais efeitos dos *mass media* sobre a audiência.

A mídia, ao adotar enquadramentos positivos e negativos sobre alguns temas, acontecimentos e atores constrói atributos (positivos ou negativos) sobre esses objetos, ou seja, além de haver a proeminência de determinados objetos (primeiro nível de efeito *agenda setting*), também existe a proeminência de determinados atributos sobre estes objetos (segundo nível de efeito da *agenda setting*) que os autores denominam como “*framing*”⁹, isto é, a maneira de se pensar sobre temas acontecimentos, atores já estabelecidos pela agenda e, portanto, produzir um enquadramento de aspectos da realidade, dando a eles um determinado destaque e criando uma nova interpretação para o objeto em questão. O chamado *framing* possui um forte poder de deslocar o foco da agenda para determinados aspectos em detrimento de outros. Esta perspectiva nos faz retomar a famosa frase de Cohen, porém, incorporando-a: a mídia não apenas nos diz o que pensar, mas também nos diz como pensar sobre algo.

Dessa forma, a mídia acaba controlando a definição dos temas da agenda política e também participa do processo de criação de políticas, isto é, o agendamento dos temas que servirão de base para a criação da agenda política. Os meios de comunicação também influenciam uns aos outros dentro do cenário internacional, McCombs cita o exemplo do New York Times, que exerce influência sobre os outros meios de comunicação da elite americana e frequentemente legitima certa situação política, obrigando o “mundo político” a responder de alguma forma ao que foi noticiado. Mesmo atualmente, momento onde a população tem acesso de forma imediata as informações, os jornais desenvolvem suas agendas observando uns aos outros e sempre mantendo o foco nos mesmos fatos. Joseph Nye sustenta que, em certos assuntos, há um excesso tão expressivo de informações em vários sentidos que acaba por gerar o que ele denomina de “paradoxo da abundância”. Quem consegue identificar, filtrar e avaliar corretamente e criticamente essas informações tão vastas é quem detém um importante tipo de poder, também analisado no próximo

⁹ De forma minimalista, enquadrar significa colocar atributos definidos a um objeto.

capítulo, chamado Soft Power. O que também acaba se encaixando na situação exposta por Merton e Lazarsfeld citada acima, ou seja, o excesso de exposição a informação.

De acordo com McCombs, os jornais e canais de televisão registram a agenda informativa alheia diariamente, principalmente as dos concorrentes de mais prestígio e a consequência disso tudo é um ciclo informacional, tendo como resultado uma agenda redundante. Por exemplo, algo catastrófico ou muito importante para a sociedade mundial ocorre e em alguns instantes as informações que eram inexistentes começam a aparecer em algum canal e conseqüentemente todos os outros meios de comunicação também passam a transmitir a mesma situação. Os Jogos Olímpicos se inserem nesta circunstância de forma ideal pois diz respeito a um momento onde o planeta todo busca assistir.

2.2 A IMPORTÂNCIA DA MÍDIA E SUA FUNÇÃO NA SOCIEDADE MUNDIAL EM TRANSFORMAÇÃO

É notório que, nos dias atuais, a informação e a comunicação são partes fundamentais na vida da sociedade, porém também é nítida a complexidade em estudá-las. Ao tratarmos de mídia, lidamos com uma série de definições e assuntos correlacionados, portanto é imprescindível que tenhamos uma boa compreensão sobre alguns conceitos referentes a função e os status deste novo ator. Cumpre também destacar que nesta pesquisa a estudaremos sob a ótica das Relações Internacionais.

A mídia pode ser considerada um ator mutante em comparação aos demais atores das Relações Internacionais. Quando tratamos de Estado, Organizações, administrações estaduais e municipais (para diplomacia) e etc. dificilmente podemos utilizá-los de inúmeras formas, raramente são imprevisíveis ou possuem diversas identidades. Por outro lado, a mídia pode ser usada para inúmeras finalidades e em variados momentos, ou seja, possui múltiplas faces e não possui uma identidade fixa, se diferenciando do panorama dos demais atores das relações internacionais ao se alterar dependendo do contexto.

Mas então, o que seria a mídia e qual sua função?

Rodrigo Soares (2012) afirma que a mídia deve ser considerada como uma fonte de informação. No processo midiático, são definidos quais os fatos mais importantes ocorrentes no momento através de um filtro realizado exclusivamente pelos meios de comunicação. Estes elementos destacados como mais importantes são colocados no ar e dessa forma influenciam o processo político, nacional e internacional, justamente devido à subjetividade, ou seja, tanto os transmissores das informações como os receptores, respectivamente, comunicam e absorvem os fatos da forma particular. Deste modo, os meios de comunicação, a partir de condicionamentos domésticos, podem acentuar ou amenizar determinadas situações afetando toda a formação da agenda política internacional. O autor aponta como exemplos as notícias estampadas das capas de jornais e nas manchetes dos programas de televisão, de acordo com ele, estes são os fatos mais significativos da ocasião. Já na obra “Mídia, Política e Pesquisas de Opinião Pública”, BARTH afirma que,

A mídia não é apenas portadora de informação, seu papel central na sociedade como formadora de opinião pública a tornou também central na construção da imagem que as pessoas fazem da política. Os enquadramentos dados pela mídia, a forma como a informação é selecionada e editada, ou até suprimida, é a única ponte entre milhares de eleitores e a esfera política (BARTH, 2007, p. 26).

Deste modo, não podemos limitar a mídia apenas como fonte informacional ou ferramenta técnica. Existe uma complexidade muito maior pois ela consiste em um espaço de mediação para aqueles assuntos que importam a sociedade tanto como indústria de informação, para aqueles assuntos que importa a sociedade tanto como indústria de informação, como instituição no mundo político contemporâneo, caso desconsiderássemos isso, estaríamos ignorando sua capacidade. Segundo Oliveira (2010, p. 90) “[...] deve-se entender a mídia não somente como um conjunto de diversos meios de comunicação, mas também como um processo, um ator e uma arena de mediação e discussão do espaço público.”.

A Era da Informação despertou nos Estados Unidos o anseio de realizar estudos relacionando a mídia e as relações internacionais. Estas pesquisas se

iniciaram de forma tímida durante a Guerra do Vietnã¹⁰ mas passaram a se disseminar de forma mais incisiva durante da primeira guerra midiática da história: a invasão do Iraque em 1990.

Para Gilboa (2001), os meios de comunicação podem exercer tanto o poder do constrangimento como também o da promoção. O autor considera que em cada situação a mídia pode ser utilizada de uma forma diferente, isto é, depende da situação, do contexto e do conceito. De acordo com Gilboa (2001), a mídia apresenta quatro papéis, os quais são definidos à partir do contexto em que se encontram. São eles: controladora, constrangedora, interventora e instrumental.

A mídia com *status* controlador diz respeito a substituição, ou melhor dizendo, a dominação sobre o processo de tomada de decisão nas intervenções humanitárias e armadas. Nesse caso, os meios de comunicação assumem o lugar dos decisores de questões políticas promovendo uma reorganização das prioridades na agenda em relação a determinado conflito armado. É citado como exemplo o “*CNN Effect*” (Efeito CNN)¹¹, onde a mídia passa a controlar os temas das agendas políticas internacionais, através da transmissão frequente de imagens, discursos e problemas em geral relacionados a guerras e intervenções.

O *status* constrangedor enxerga a mídia como uma ferramenta que constrange um líder político provocando perturbação na rotina do mesmo. De acordo com Gilboa (2001), principalmente devido a velocidade em que os fatos passaram a ser difundidos, eles acabam influenciando mais uma vez na tomada de decisão para que ocorra em tempo real, ou seja, à curto prazo (*real-time policy*). Neste caso, a obra menciona a Guerra do Golfo (1991) como exemplo, onde o então presidente norte americano George Bush se utilizou da rede CNN ao invés de se utilizar dos canais diplomáticos tradicionais para

¹⁰ Pode ser enquadrada no contexto histórico da Guerra Fria. A Guerra do Vietnã foi um conflito armado que começou no ano de 1959 e terminou em 1975. As batalhas ocorreram nos territórios do Vietnã do Norte, Vietnã do Sul, Laos e Camboja.

¹¹ Capacidade de a mídia influenciar a agenda política ao relatar problemas e com isso conduzi-los para as questões prioritárias. A televisão, em especial, assumiu o papel de ator dominante no que tange à formulação de políticas atreladas às crises humanitárias ou questões ligadas à defesa. (OLIVEIRA, Rafael. 2010, p. 160)

informar a coalizão iraquiana que a guerra iria continuar¹². Este foi o mesmo canal pelo qual Saddam Hussein¹² propôs um plano de paz a coalizão dos Estados Unidos que foi recebido como uma falsa proposta. A Guerra do Golfo foi o primeiro conflito armado a ser transmitido ao vivo pelos meios de comunicação, e por isso coloca a CNN como parte da história do jornalismo mundial.

Ao tratarmos deste exemplo podemos salientar que a mídia pode ser utilizada por pessoas com variados objetivos, no caso tanto pela Casa Branca como pelos terroristas. Para ambos, os meios de comunicação serviram como um tipo de canal diplomático, onde toda a população mundial acompanhava ao vivo a eclosão de uma guerra.

O terceiro papel se refere a mídia como interventora - Nesse *status* a mídia exerce um papel de intermediar a política internacional, especialmente por meio de repórteres e jornalistas durante conflitos ou crises políticas e, com isso, sua atuação passa a ser considerada como um meio de mediação internacional. Neste contexto, os repórteres que conseguem contato, ou seja, conseguem realizar uma entrevista com determinado líder que até então se recusava a se contactar com diplomatas e outros meios de comunicação, pode ser considerado como um condutor da diplomacia. Algumas vezes, esses jornalistas e repórteres podem realmente não ter a intenção de ser um “agente diplomático”, porém com o objetivo de aumentar a audiência acabam indiretamente agindo como tal. Outro caso que exemplifica a mídia com papel de interventora para Eytan Gilboa diz respeito a um programa de televisão norte americano chamado ABC, onde o jornalista Ted Koppel age como um mediador ao sediar uma conversa formal entre os apoiadores do *Apartheid* Sul-Africano¹³ e representantes do Congresso Nacional Africano.

¹² Isso não atribui menos importância aos canais diplomáticos, apenas demonstra que neste momento existem outros além dos “tradicionais” e os canais midiáticos é um deles.

¹³ Regime segregacionista que negava aos negros da África do Sul os direitos sociais, econômicos e políticos. Embora a segregação existisse na África do Sul desde o século 17, quando a região foi colonizada por ingleses e holandeses, o termo passou a ser usado legalmente em 1948.

O quarto e último *status* atribuído a mídia é o instrumental, que tem como intuito dar suporte, promovendo acordos e negociações para uma melhor gestão e resolução de conflitos. Nesta classificação a mídia é utilizada como um meio, ou seja, é um instrumento o qual outros atores das relações internacionais usam de manobra para contribuir nas negociações políticas e de certa forma atingir a opinião pública internacional.

Para que seja possível compreender a mídia como instrumento, é necessário que anteriormente tenhamos conhecimento sobre a *media diplomacy* – que será objeto de estudo no final do segundo capítulo, após debatermos sobre as principais correntes teóricas das relações internacionais que versam sobre o surgimento e fortalecimento da mídia como ator internacional emergente.

Quanto mais forte a “diplomacia midiática” ou o poder midiático de um Estado, maior capacidade esta nação tem de atingir a sociedade internacional.

3 MÍDIA, RELAÇÕES INTERNACIONAIS E SEUS ATORES

Neste capítulo abordaremos sobre os atores internacionais, desde o Estado até a mídia, demonstrando que existem diferentes visões sobre o papel do Estado como ator dentro das relações internacionais. Neste sentido, também se torna importante discutir brevemente sobre a *cyberpolitik* e suas características.

Ao tratarmos de atores internacionais, podemos alencar uma variedade de atores tanto estatais, como não estatais. Para Marques (2008),

[...] pode-se conceituar ator internacional como todo ente ou grupo social que participa de maneira eficaz e significativa na condução de questões importantes e fundamentais para a sociedade internacional. Capaz de determinar significativamente a condução das relações internacionais. Ademais, o ator internacional deve ser capaz de cumprir funções importantes no contexto internacional, sejam funções políticas, comerciais, econômicas, militares, culturais, entre outras. (MARQUES, UFSC, 2008, p.14)

Papisca (1973) afirma que, os atores internacionais podem ser divididos em dois grupos de acordo com seus respectivos *status*, um atribuído (em função de sua natureza), tendo como principal exemplo o Estado e o outro *status* adquirido (em função de sua capacidade), que tem como exemplo a indústria de entretenimento. O atores de *status* atribuídos são considerados intrinsecamente parte do sistema internacional, independentemente da atuação e por outro lado, os atores de *status* adquiridos são aqueles que com o passar do tempo foram adquirindo maior importância, e enfim a capacidade de influir de forma intensa no comportamento dos sistemas políticos internacionais, modificando ideologias, isto é: adquirem o *status* de ator das relações internacionais por capacidade.

No caso desta pesquisa, iremos dar maior ênfase aos atores de *status* adquiridos. Além disso, buscaremos compreender a forma direta que eles influem e contribuem para o comportamento da sociedade e de suas ideologias quando interagem com os demais atores, gerando um maior potencial.

A mídia pode ser considerada como um ator de *status* adquirido e também um ator emergente no âmbito das relações internacionais, porém, é

importante que levemos em consideração de que forma e por que razão a mídia alcançou esse estágio dentro dos estudos da política internacional.

3.1 O CENÁRIO INTERNACIONAL CONTEMPORÂNEO E AS TEORIAS DAS RELAÇÕES INTERNACIONAIS

Seria imprescindível dizer que a partir do fim da Segunda Guerra Mundial novos atores entraram em fase de expansão, ganhando mais importância e reconhecimento, como por exemplo as Organizações Internacionais Governamentais¹⁴.

Com o crescimento da interdependência e das comunicações, novas estruturas passaram a operar dentro do cenário mundial e com isso, tanto globalmente, como regionalmente¹⁵, foi possível o estabelecimento de relações interdependentes entre atores governamentais e não governamentais. O aumento na quantidade desses atores não-estatais junto ao crescimento da influência dos mesmo nas ações dos atores governamentais geraram maior complexidade no sistema internacional e ao mesmo tempo fizeram com que os paradigmas clássicos fossem desafiados, pois estes julgavam o Estado como o único ator internacional, ou pelo menos, o mais importante.

Neste momento, surgem divergências entre estudiosos das relações internacionais, pois enquanto alguns acreditavam na coexistência de unidades estatais e não estatais, outros consideravam que as entidades não-estatais eram apenas ferramentas para uso do Estado em prol de seus objetivos e interesses

Este pensamento quando relacionado ao uso da mídia pelo Estado, isto é, dos meios de comunicação em massa, geraram uma nova forma de fazer política internacional denominada *cyberpolitik*.

Cyberpolitik é um termo que pressupõe que o Estado possui um novo agente em suas negociações diplomáticas, se utilizando da tecnologia dos

¹⁴ As Organização internacionais Governamentais (OIG) são associações voluntárias de sujeitos de direito internacional constituída mediante ato internacional (geralmente um tratado), de caráter relativamente permanente, dotada de regulamento e órgãos de direção próprios, cuja finalidade é atingir os objetivos políticos, econômicos, sociais, culturais, bélicos dentre outros objetivos comuns determinados por seus membros constituintes.

¹⁵ Paradiplomacia: atividades diplomáticas realizadas por atores não centrais no âmbito das relações Internacionais (instâncias subnacionais).

recursos informacionais e comunicacionais, agora existe uma nova forma de fazer política internacional de acordo com Rothkof (1998).

Para Valente (2007) a *cyberpolitik* é o novo cenário, o que não significa a extinção dos campos reais de batalha, apenas uma ampliação do jogo para mais um ambiente. Nele, o discurso configura-se como um instrumento de disseminação de ideias políticas. A ampliação da disseminação dos discursos políticos em todo o mundo é feita através da fusão internacional das empresas de comunicação. Nesta perspectiva, o Estado não se tornou desimportante, e sim apenas as dimensões foram alteradas com o fato do Estado poder se utilizar de novas ferramentas trazidas pela Era da Informação. Seguindo esta linha de raciocínio, uma situação que exemplifica de forma clara este pensamento seria o surgimento das redes de comunicação em escala global. As informações transmitidas por essas redes não ocorrem de forma imparcial e democrática, muito pelo contrário, o intuito das notícias é justamente manipular o público. Esses conglomerados de comunicação, que passaram a se formar a partir da década de 70 se tornaram cada vez mais frequentes, e além disso, se encontram em sua maioria nos Estados Unidos e na Europa o que obviamente pressupõe que estas regiões contribuem de forma intensa na formação da agenda midiática dos demais países do globo terrestre. Estes veículos de informação são supostamente considerados privados, na verdade, realmente são empresas privadas, o que as diferenciam das empresas estatais manipuladoras que representavam os governos totalitários. Entretanto, estes veículos de comunicação considerados “livres” com o objetivo de auxiliar na formação da opinião dos cidadãos (efeito realidade) muitas vezes acabam realizando algum tipo de aliança com os governos no intuito de disseminar ideias de política interna e externa. São nessas relações que se formam as estratégias de disseminação de informação para cumprimento de planos de agendas internacionais. Valente (2007) afirma que são as grandes empresas norte americanas e europeias que comandam boa parte dos meios de comunicação, principalmente os dos países em desenvolvimento, o que conseqüentemente presume que recebemos as informações pelos olhares destes conglomerados de comunicação e aqui se encaixa o argumento de que os Estados não estão se enfraquecendo, estão apenas se adaptando aos

novos meios que surgiram com a Era da Informação e, de acordo com Raymond Aron a revolução da informação é um instrumento para ampliar, manter ou conquistar poder em âmbito internacional. Por outro lado, esse novo panorama internacional também possui aqueles que pensam e enxergam a revolução da informação como um meio de minar a capacidade de decisão dos Estados.

3.1.1 A Teoria Realista e a Preponderância do Estado em Política Internacional

Como já dito anteriormente, as relações internacionais modernas tiveram seu maior marco na Paz de *Westfália* (1648) devido ao fato de ter sido o momento no qual surgiram as noções de Estado e de soberania estatal. Essa série de Tratados, também conhecidos como Tratados de Münster e Osnabrück representou uma secularização na esfera política em virtude do afastamento do Papa. Com isso, a Igreja deixa de ser protagonista por não mais reunir o poder secular e temporal e, a partir de então até meados do século XX o Estado passa a ser considerado como ator central das relações internacionais,

Ao se caracterizar as relações internacionais como relações entre Estados soberanos, a primeira questão que se coloca é se não seria mais adequado designá-las de relações interestatais. Sem dúvida, pela relevância das relações entre os Estados, assim dever-se-ia proceder. (BEDIN, 2001, p. 177).

Com base na ideia de que os Estados eram o único ator das relações internacionais, surge o paradigma realista, o qual trata basicamente das relações políticas entre os Estados e a busca dos mesmos pelo poder. Sendo influenciados pelos estudos de Maquiavel e principalmente Hobbes, a Teoria Realista se inspira na “guerra de todos contra todos” e afirma a ausência de uma autoridade superior capaz de impor a ordem dentro do âmbito internacional, culminando em um sistema anárquico, isto é, os envolvidos não podem apelar a ninguém para garantir o seu bem-estar e segurança contra as ameaças dos outros. Nestas relações, cada Estado busca o máximo de poder possível a fim de manter sua integridade e se torna responsável por suas ações, ou seja, cada um atua de forma egoísta e não-cooperativa gerando uma

guerra perpétua e por causa disso, cada Estado prioriza sua segurança pensando somente na sua sobrevivência.

A tradição hobbesiana descreve as relações internacionais como uma guerra de todos contra todos; uma arena de combates em que cada Estado está em preso contra o outro. As relações internacionais, em uma perspectiva hobbesiana, representam o puro conflito entre Estados e se assemelha a um jogo que é inteiramente distributivo ou uma soma-zero: os interesses de cada Estado excluem os de quaisquer outros. (BULL, 2002, p. 23).

Dentro desta perspectiva, os Estados vivem uma incerteza, sendo permitido até o uso da violência estatal como instrumento de preservação e sobrevivência, termo o qual é considerado pela teoria como maior desejo do Estado. Ou seja, os Estados lutam pela sua sobrevivência, visando sua permanência no sistema e possuem como fator mais importante a busca constante pelo poder. Para Martin Wight,

[...] enquanto na política doméstica a luta pelo poder é governada e circunscrita pelo molde das leis e das instituições, na política internacional a lei e as instituições são governadas e circunscritas pela luta pelo poder. De fato, esta é a justificativa para chamar a política internacional de política do poder por excelência (WIGHT, 2002, p. 93).

Dentro desta comparação é notável que a política internacional é dominada por uma luta pelo poder, justamente por não existir uma autoridade, uma instituição com leis e regras capazes de estabelecer ordem no sistema internacional.

Desta forma, a sociedade moderna pós *Westfália* era uma sociedade internacional constituída por Estados soberanos, considerados como o único ator das relações internacionais que viviam em um sistema anárquico e atuavam em um estado de natureza no qual cada um era árbitro de suas próprias ações, seguindo apenas interesses egoístas.

Este modelo vigeu quase até o início do século XX, mas com a globalização, o aprofundamento da interdependência e o início das relações internacionais multipolarizadas surge a sociedade internacional contemporânea e também novos atores, e, junto deles a necessidade de estudá-los.

Estes novos atores, ou também denominados atores emergentes possuem maior complexidade, portanto não há uma classificação uniforme e

adequada para os mesmos em consequência das constantes mudanças que ocorrem tanto nos cenários como nos atores.

3.1.2 A Teoria da Interdependência Complexa

Estas mudanças mais frequentes tem como uma de suas causas um fenômeno chamado *vortexuality* o qual pode ser resumido como “crescimento na gama de meios de comunicação, e o grande aumento da velocidade da circulação da informação, que se combinou para criar um fenômeno como um efeito de ‘vórtice’” (WHANNEL, 2006, p. 65-71). Ou seja, um maior fluxo informacional que ocorre de forma contínua dentro dessa grande integração mundial.

Também impulsionada pelo fim da Guerra Fria, surge uma corrente denominada interdependência complexa. Em contraste aos argumentos realistas, o paradigma da interdependência complexa julga a teoria realista como insuficiente para compreender as características de um mundo cada vez mais interligado e interdependente.

“*We live in na era of interdependence*” (KEOHANE e NYE, 1989, p. 3). De acordo com os autores, a segurança nacional era tema central para a maioria dos Estados durante os primeiros anos da Guerra Fria, porém, no final da década de 1970 esse assunto passou a perder força devido a fatores como por exemplo a mudança nas relações econômicas dos países industrializados e a aproximação entre EUA e União Soviética. Neste momento, é necessário que haja algum respaldo para substituir o discurso relacionado a tão pretendida “segurança nacional”, e então surge a interdependência. Para Keohane e Nye, esta definição traria problemas, e por isso os estudiosos buscaram uma definição coerente para descrevê-la,

“[...] Dependência significa um estado de ser determinado ou significativamente afetado por forças externas. Interdependência, definindo simplificada, significa dependência mútua. Interdependência nas políticas mundiais se refere a situações caracterizados por efeitos recíprocos entre os países ou entre os atores em diferentes países”. (KEOHANE & NYE, 1989, p.8)

Para eles, os fluxos de bens, serviços, capitais, pessoas e mensagens passaram a ser mais intensos desde a Segunda Guerra Mundial, e com isso surgia a impressão de que as fronteiras começariam a inexistir e com o tempo esses fluxos se tornariam ainda mais frequentes e velozes. Porém, para que houvesse de fato a interdependência, seria necessário que esses fluxos e transações implicassem custos ou constrangimentos, dessa forma restringindo a autonomia dos atores envolvidos. Os autores ainda afirmam que esses custos e constrangimentos não necessariamente ocorreriam de forma equilibrada, ou seja, essa desigualdade permitiria que alguns atores influenciassem de forma mais significativa os demais. Nesta teoria, temos como a principal fonte de poder a interdependência assimétrica, que diz respeito ao poder como controle sobre os recursos, ou ao potencial de afetar os resultados. Ou seja, o ator menos dependente provavelmente possuirá recursos políticos mais significativos e quando este ator provocar alguma transformação ou ameaça será mais oneroso para seus parceiros do que para o mesmo. Os autores não creem na desimportância das características militares, de fato essas também fazem parte das ferramentas que tornam um Estado poderoso, porém além de implicarem alto custo, perdem um pouco de espaço para os processos políticos. Surgem então duas dimensões não militares as quais os autores julgam como essenciais: vulnerabilidade e sensibilidade. Sensibilidade diz respeito a capacidade de um ator lidar com mudanças sem alterar sua estrutura política, ou seja, uma reação imediata a determinada transformação mantendo as políticas imutáveis. Já a vulnerabilidade se refere disponibilidade e aos custos das alternativas políticas que os atores afetados pelas relações de interdependência possuem.

Dessa forma, as tecnologias e os meios de comunicação ampliam a capacidade de sensibilidade e vulnerabilidade, ou seja, elas são testadas em qualquer momento em que a mídia atinge politicamente determinado país ou líder, tornando mais fácil a reação em relação a isso.

3.3 NOVAS ANÁLISES EM POLÍTICA EXTERNA: A MÍDIA COM ATOR INTERNACIONAL A PARTIR DO CONCEITO DE *SOFT POWER*

Nesta etapa da pesquisa, buscaremos esclarecer o que é o *soft power* utilizando como suporte a teoria de Joseph Nye que servirá de base para uma identificação do papel que a mídia pode desempenhar dentro dessa conjuntura.

Por definição, *Soft Power* significa “fazer com que os outros busquem os mesmos resultados que você deseja, e isto exige com que se saiba como estes entendem suas ideias, para que o resultado seja positivo” (NYE, 2004)

O autor inova ao trazer uma análise que coloca no centro as dimensões do poder vinculadas a atração e a persuasão. De acordo com ele,

Há mais de quatro séculos atrás, Nicolau Maquiavel recomendou aos príncipes da Itália que era mais importante ser temido do que amado. Porém, nos dias de hoje, o melhor é ser ambos. Ganhar corações e mentes sempre foi importante, no entanto o é ainda mais na era da informação global. (NYE, 2004, p. 1)

Para Nye, se utilizar do poder duro (*Hard Power*) é uma ação pouco inteligente, porque devido a fase a qual o planeta atravessa caracterizada pela globalização, diminuição de fronteiras econômicas, aumento dos fluxos de informação e a da interdependência entre os Estados, os meios pelos quais o *Soft Power* busca “conquistar poder” devem ser mais bem utilizados, pois o poder brando é,

(...) a habilidade de obter o que você quer através de atração, ao invés de coerção ou punição. Ele provém da atratividade da cultura de uma nação, ideário político e políticas públicas. Quando nossas políticas são legítimas aos olhos dos outros, nosso poder brando se intensifica. (NYE, 2004, p. X).

Para Nye, o conceito básico de *soft power* relaciona-se com a habilidade de influenciar os outros a fazer aquilo que se deseja, sem necessidade de emprego da força bruta (*hard power*), tendo em vista que essa sempre foi a medida realista de poder predominante.

Dessa forma, ao se contrastar com o *Hard Power*, o *Soft Power* nos mostra que o poder pode ter vários aspectos – Para Thompson (2002, p.21) “[...] a posição que um indivíduo ocupa dentro de um campo ou instituição é muito estreitamente ligada ao poder que ele ou ela possui.”, enquanto para Raymond Aron (1986, p.99) “[...] o poder é a capacidade de que tem uma

unidade política de impor sua vontade às demais. Em poucas palavras, o poder político não é um valor absoluto, mas uma relação entre os homens.”, na visão de Karl Deutsch (1982, p.38) o “[...] poder é um símbolo da capacidade de modificar a distribuição de resultados, sobretudo os resultados do comportamento popular.”. Ou seja, o poder pode ser exercido de duas formas: através da força ou da racionalidade (convencimento) e o que define se um Estado é poderoso são seus recursos no cenário internacional relacionados a essas duas categorias.

Podemos citar quatro formas de poder predominantes na história das relações internacionais:

FORMAS DE PODER	RECURSOS	INSTITUIÇÕES PARADIGMÁTICAS
PODER ECONÔMICO	Materiais e financiamentos	Instituições econômicas (exemplo: empresas)
PODER POLÍTICO	Autoridades	Instituições políticas (exemplo: Estados)
PODER COERCITIVO/MILITAR	Força física e armada	Instituições coercitivas (exemplo: militares, polícias)
PODER SIMBÓLICO	Meios e informação/comunicação	Instituições culturais (exemplo: indústria de mídia, Igreja)

Tabela 2 – Relação entre as formas de poder, seus recursos e instituições
 Fonte: THOMPSON, John B. A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia. Tradução de Wagner de Oliveira Brandão. 5 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002. p. 25

Joseph Nye lembra que as fontes de poder não são estáticas, e estão sempre em transformação, porém, existe uma tendência devido a época em que vivemos e “[...] baseadas na informação e na interdependência transnacional, o poder está a tornar-se menos transferível, menos tangível e menos coercivo.”. (NYE, 2002, p. 74). Tendo em vista este pensamento, na política mundial contemporânea, os países possivelmente alcançarão seus objetivos atraindo e seduzindo os demais devido aos seus valores, comportamentos e o nível de sua credibilidade no cenário global, não mais se utilizando da coação. Se torna lógico então que, o *soft power* depende da

reputação e da credibilidade que um ator possui perante a comunidade internacional e, além disso, o fluxo de informações entre os atores, para que seja possível o conhecimento. Para Nye, o país que consegue legitimar seu poder aos olhos dos demais encontra menor resistência para obter o que deseja.

A ascensão da globalização fez com que surgissem fontes muito importantes, como por exemplo a mídia; o autor identifica na cultura popular e na mídia fontes de *soft power* muito influentes, tendo em vista que se trata de um tipo de poder que, em tese, pode ser compartilhado entre diversos atores. Como o *soft power* diz respeito a habilidade de se moldar a preferência dos outros àquilo que se deseja, podemos encaixar a mídia como uma grande fonte deste tipo de poder, pois através das informações transmitidas pela mesma, é possível a moldagem da opinião pública internacional em geral.

O autor também aponta em sua obra a “Conversão de Poder” que refere-se a transformação do poder potencial em poder real. Os meios de comunicação em massa conseguem realizar essa conversão pois são eles que filtram os fatos relevantes e os transformam em notícia trazendo-os ao público de forma subjetiva. Neste caso, o poder é alterado de potencial para real na medida em que a mídia obtém dados sobre certos temas e os transmite com rapidez e eficiência como um produto de mercado e, diferentemente dos outros atores que as vezes não conseguem realizar essa transformação em tempo hábil, a mídia por sempre procurar agir da forma mais rápida possível acaba se destacando neste sentido.

Nye considera importante destacar que as sociedades pós-industriais são as que conseguem se encaixar de forma mais exata nessas condições, porém, muitos países não se inserem na lista de desenvolvidos, e acabam se limitando ao não fazerem parte desta realidade de transformação de poder. Ao elaborar uma análise sobre a política externa norte-americana, Nye afirma que a revolução no campo da informação e da comunicação estão alterando o campo político pois a população possui cada vez mais acesso às informações, e afinal, informação também é poder, o que permite que outros atores também disponham de determinado poder, aumentando o papel do agentes não governamentais. Portanto, perspectivas futuras indicam que,

[...] todos os tipos de governo perceberão que o controle lhes escapa à medida que a tecnologia da informação se espalha gradualmente na parte minoritária do mundo que ainda carece de telefones, computadores e eletricidade. [...] Atualmente, muitos governos controlam o acesso dos cidadãos à Internet vigiando o serviço dos provedores. Embora seja custoso, os indivíduos mais habilidosos conseguem driblar tais restrições, e o controle não precisa ser total para ser eficaz quanto aos propósitos políticos. Mas, à proporção que se desenvolvem, as sociedades enfrentam dilemas ao tentar proteger o controle soberano sobre a informação. (NYE, 2002, p.93)

Nesse sentido, frisamos a importância do surgimento de outro tipo de poder em uma nova configuração denominada *smart power* (“poder esperto”). Em síntese, este poder corresponde a combinação entre *soft power* e *hard power* onde o inteligente é saber em quais situações se deve utilizar cada um deles, deduzindo que um bom líder saberá a melhor estratégia a ser elaborada conciliando o poder brando e o poder bruto.

De todos os poderes, Alvin Toffler (2003, p.40) destaca que o mais importante é um poder ser de qualidade¹⁶ e ser “proveniente da aplicação do conhecimento”. Podemos encontrar situações em que a mídia atua se utilizando de um poder com essas características; a rápida obtenção da informação, sua filtragem e a disseminação, em forma de notícia, dos dados mais relevantes pressupõem um poder de qualidade; o conhecimento neste caso é utilizado para fazer com que os indivíduos “gostem do plano de ação” proposto pelos informes repercutidos através da mídia. Nesse sentido, ao admitirmos que a mídia realmente possui esse tipo de poder, levamos a situação para outro âmbito: a disputa pelo controle da mídia. As grandes empresas de comunicação sabem que além de propaganda, a mídia também é tida como fonte de lucro e é neste ponto que deveríamos nos atentar, a grande maioria dos países desenvolvidos detém o “poder midiático” e com isso, apenas um grupo econômico terá controle sobre todo o conjunto de informações disseminadas ao redor do mundo, expondo e retendo os temas que classificam como importantes. Com isso, “a indústria da mídia não apenas se submeteu de forma cada vez mais intensa aos interesses do mercado

¹⁶ Utilização do menor número possível de fontes para conseguir alcançar determinado objetivo.

mundial, no sentido estritamente econômico, como também aos jogos de poder que regulamentam esse próprio mercado” (ARBEX, 2001, p. 99).

O *status* adquirido pela mídia de ator emergente e seu exercício de *soft power* ainda se encontram em fase de expansão, principalmente devido a influência cada vez maior dos meios de comunicação e das tecnologias de informação nos processos políticos internacionais. Porém, mesmo com essa expansão, o poder da mídia ainda possui vertentes muito complexas e muito pouco estudadas dentro das relações internacionais contemporâneas devido as suas múltiplas faces e a insistência por alguns de enxergá-la como uma simples fonte de informação, o que não permitiria que a mesma se enquadrasse no status de ator das relações internacionais, pois é justamente o ato de reconhecer que a mídia age de acordo com interesses próprios, independentemente nas questões em prol do Estado ou não, que a configuraria a aquisição de seu *soft power* e de seu *status* de ator.

3.4 O CONCEITO DE DIPLOMACIA MIDIÁTICA

Neste capítulo abordaremos o conceito de diplomacia midiática, que classifica a mídia como ator instrumental, ou seja, a mídia como um instrumento (um meio) que outros atores podem utilizar para auxiliar nas negociações políticas e atingir a opinião pública internacional.

Para Gilboa (2001) a *media diplomacy* é um novo campo de estudo dentro das relações internacionais e das ciências políticas, que tem o propósito de analisar os efeitos dos novos meios de comunicação e da imprensa sobre a política externa dos Estados, bem como sua interferência no que se refere a agenda internacional dos mesmos. O autor constata que,

Este estudo oferece três modelos conceituais destinados a promover uma pesquisa sistemática relacionada a mídia como instrumento de política externa e negociações internacionais: *public diplomacy*, onde atores estatais usam a mídia e outros canais de comunicação para influenciar a opinião pública nas sociedades estrangeiras; *media diplomacy* onde oficiais usam a mídia para se comunicarem com atores e promover a resolução de conflitos; e *media broker diplomacy*, onde jornalistas temporariamente assumem o papel de diplomatas e agem como mediadores nas negociações internacionais.(GILBOA, 2001, p. 04).¹⁷

¹⁷ *This study offers three conceptual models designed to promote systematic research into uses of the media as an instrument of foreign policy and international negotiations: public diplomacy, where state and nonstate actors use the media and other channels of communication to*

Neste caso, a *media diplomacy* diz respeito ao modelo que iremos dar maior ênfase, porém, existe uma relação entre esta e a *public diplomacy* e algumas vezes a diplomacia pública foi denominada como “*TV diplomacy*” porque políticos e diplomatas se utilizavam da televisão para realizar propagandas. Então, Gilboa busca esclarecer que,

Media diplomacy inclui todos os aspectos da *public diplomacy* onde a mídia está envolvida, bem como outros não associados com a diplomacia pública incluindo o envio de sinais pelos Governos através da mídia, e o uso da mídia como uma fonte de informação. (GILBOA, 2001, p. 10).¹⁸

A diplomacia midiática também refere-se ao uso da mídia para articular e promover a política externa. De acordo com a obra, a *media diplomacy* relaciona-se ao uso oficial da mídia por atores estatais e não estatais com o intuito de gerar confiança, acelerar as negociações e para mobilizar o apoio público para acordos. Para o autor, a diplomacia tradicional realizada por diplomatas e agentes do governo perdeu espaço diante das revoluções informacional e midiática, baseados no conceito de cultura de massa. “A exposição da diplomacia na mídia para a opinião pública criou uma nova diplomacia com novas regras, técnicas e uma infinidade de implicações para governos, diplomatas, jornalistas e o grande público.” (GILBOA, 2001, p.275).

O autor afirma que por ser um campo pouco explorado ainda faltam definições de conceitos que dificultam o avanço na área, porém nesse sentido, é proposto por Gilboa (2001) que o estudo da diplomacia midiática seja feita por meio de três modelos analíticos conceituais: o da diplomacia pública (*public diplomacy*), o da diplomacia na mídia (*media diplomacy*) e o da diplomacia feita pela mídia (*media-broker diplomacy*).

influence public opinion in foreign societies; media diplomacy, where officials use the media to communicate with actors and to promote conflict resolution; and media-broker diplomacy, where journalists temporarily assume the role of diplomats and serve as mediators in international negotiations. (GILBOA, 2001, p. 04).

¹⁸ *Media diplomacy includes all those aspects of public diplomacy where the media are involved as well as others not associated with public diplomacy including the sending of signals by governments through the media, and the use of the media as a source of information.* (GILBOA, 2001, p. 10).

A diplomacia pública se refere a construção da imagem de um país no sistema internacional através da comunicação direta entre Governos (ou estrangeiros) com o intuito de persuadir a opinião pública em diversos temas, além de cultivar uma imagem favorável do país no exterior. Nas últimas décadas, de acordo com Signitzer e Coombs (apud GILBOA, 2001, p. 8), a “diplomacia pública passou a ser a maneira como indivíduos do governo ou privados influenciam direta ou indiretamente as atitudes e opiniões públicas que afetam as decisões de política externa de outros Estados”, assim, é usada por Estado contra Estado e tem como meta formar a boa imagem do país em suas mais diferentes ações.

A diplomacia na mídia se diferencia da diplomacia pública devido ao elemento propaganda. Neste caso, os meios de comunicação estabelecem a ponte entre Estados e atores não governamentais ou até mesmo entre Estado e Estado para construir confiança, avançar em negociações, evitar ou acabar com conflitos, mobilizando o apoio público para acordos. Normalmente, a diplomacia pública antecede a diplomacia na mídia, preparando o público envolvido na questão para a negociação do impasse e de suas consequências. A *media diplomacy* ocorre por exemplo em conferências, entrevistas, cobertura de visita de chefe de Estado a determinado país e presença de mediadores internacionais. É fato que os meios de comunicação e a evolução no campo informacional provocaram avanços positivos, permitindo mais celeridade nas respostas dos líderes, em eventos internacionais, conflitos ou para acordos e pronunciamentos diante crises, porém, temos que visualizar o outro lado, onde os governantes podem cometer erros por tentar analisar determinada situação rápido demais devido à pressão, ou por exemplo se deixam de dar respostas diante a mídia, podem gerar uma impressão de confusão e de que não tem controle da situação.

A diplomacia feita pela mídia compreende os meios de comunicação como ator das relações internacionais, atuando nas negociações internacionais e sendo o quarto poder. Diferentemente do modelo diplomacia da mídia, onde os jornalistas atuam realmente como tais, cobrindo os fatos, nesta situação, os jornalistas agem como diplomatas e mediadores de conflitos ao auxiliarem na

condução da política externa. Cada modelo determina uma forma própria de atuação e uma espécie diferente de relacionamento da mídia com o Estado.

4 ESTUDO DE CASO: A INFLUÊNCIA DA MÍDIA NOS JOGOS OLÍMPICOS RIO 2016

O esporte pode ser considerado um elemento muito importante dentro do âmbito das relações internacionais. Desde o seu surgimento na Grécia Antiga, podemos enquadrá-lo de acordo com Vasconcellos (2011), como um novo campo de interesse dos atores internacionais, pois engloba questões políticas, culturais, econômicas e sociais.

Para Nye (2009), os grandes eventos esportivos podem ter se tornado uma fonte de poder para os Estados, pois serviam de palco para disputas políticas tornando-se alvos de interesse da nova ordem mundial. Com o cenário pós- Guerra Fria, os eventos esportivos passaram a despertar mais interesse por partes dos países, pois o ato de sediar um grande evento como por exemplo as Olimpíadas ou a Copa do Mundo tornam um Estado momentaneamente o protagonista de todo o cenário internacional, e demonstram que este tem condições políticas, econômicas e sociais, além de estruturais capazes de impactar o resto do mundo. Para Suppo (2012), os Estados e a indústria cultural não podem mais ignorar o poder de sedução e o impacto econômico causado pelo esporte. Nesse sentido, é conveniente destacar uma diplomacia denominada “Diplomacia dos Esportes” que converge com a diplomacia pública e se agrupam em duas categorias: a que o esporte internacional é conscientemente empregado pelos governos como um instrumento de diplomacia; e as comunicações, representações e negociações que ocorrem como resultado de uma competição internacional. E além disso, existem outras atividades diplomáticas entre Estados que necessitam ocorrer para tornarem o evento esportivo internacional possível. Portanto, o esporte é um instrumento de *soft power*, assim como a mídia, e em um evento de grande porte esportivo como as Olimpíadas podemos enxergar a articulação entre ambos.

Neste último capítulo buscaremos abordar um exemplo recente e pouco estudado até então: Os Jogos Olímpicos Rio 2016. Como citado anteriormente ao decorrer deste trabalho, poderemos enxergar a influência que a mídia exerceu durante este grande evento, afinal, os grandes lucros gerados pela ligação da mídia com as atividades esportivas transformaram a economia política internacional.

As Olimpíadas são consideradas o maior evento esportivo do planeta. Nestas competições, atletas do mundo todo representam suas respectivas bandeiras nas mais variadas modalidades esportivas.

Em 2009, durante a 121ª Reunião do Comitê Olímpico Internacional em Copenhagen, na Dinamarca, o Brasil foi eleito o país que sediaria os Jogos Olímpicos de 2016, na cidade do Rio de Janeiro.

O fato do Rio de Janeiro ter sido escolhido como sede dos Jogos Olímpicos de 2016 compreende a existência de organização política, econômica, além de boas relações diplomáticas com todos os demais Estados. Os eventos esportivos possuem um aspecto otimista pois são um tipo de “confraternização mundial” onde os Estados se reúnem com o intuito de celebrar a paz. Além disso, há também o questão econômica pois neste momento, os olhos do mundo todo se voltam para o local onde estão sendo realizadas as competições, inclusive grandes empresas investem no evento visando a repercussão internacional, tornando o país sede uma espécie de vitrine para o mundo.

No período anterior as Olimpíadas, milhares de notícias dominavam os meios de comunicação com os mais diversos tipos de informações sobre os Jogos Olímpicos Rio 2016, e parte delas, provavelmente, provocaram certo receio nos estrangeiros que planejavam participar (seja como atleta ou como público) de alguma forma do evento olímpico, pois se baseavam em ideias negativas sobre o país.

Muitos assuntos eram colocados em pauta nos jornais televisivos, em capas de revistas, em sites esportivos e etc, porém, neste estudo de caso buscaremos promover maior enfoque na abordagem dos temas relacionados ao Zika Vírus, à infraestrutura do Rio de Janeiro.

Em uma análise realizada por um grupo de pesquisa em um site denominado Objethos¹⁹, foi constatado com base em reportagens dos jornais The New York Times – EUA, The Guardian – Reino Unido e El País – Espanha que, após o encerramento dos primeiros jogos olímpicos realizados na América do Sul existia um vasto material a ser analisado no que diz respeito ao ponto de vista jornalístico. De 1º de abril a 30 de maio, 230 reportagem sobre a Rio 2016 foram

¹⁹ O Observatório da Ética Jornalística (objETHOS) é uma realização do Departamento de Jornalismo e do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo (POSJOR) da Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil. Desenvolvem investigações para teses, dissertações e estudos específicos sobre ética jornalística, crítica de mídia, identidade profissional e etc.

publicadas nestes três veículos informacionais, e destas, 70 se referiam aos jogos em um panorama diretamente relacionado ao Brasil e a organização do evento. De acordo com o pesquisador: 37 reportagens abordavam os jogos de maneira “negativa” ou “muito negativa”, 29 demonstravam certo equilíbrio nas abordagens e apenas 4 ofereciam uma visão majoritariamente positiva.

Tomando como base as informações da pesquisa, entre os principais temas que tiveram grande repercussão na imprensa internacional haviam alguns que apareciam com mais frequência, e eram eles relacionados a epidemia do Zika Vírus, a poluição das águas e a violência na cidade do Rio de Janeiro e a crise político-econômica brasileira.

Neste estudo, procuraremos estreitar a quantidade de veículos informacionais que usaremos para embasamento com a intenção de que não se torne algo muito abrangente e complexo. Desta forma, procuraremos apenas utilizar como fontes os jornais: NY Times (Estados Unidos), BBC (Inglaterra), El País (Espanha), Al Jazeera (Catar), além de algumas fontes nacionais, ou seja, jornais brasileiros. O critério para escolha se resume em conseguir visualizar a opinião de jornais da maioria dos continentes do globo.

4.1 ZIKA VÍRUS

Ainda sob a ótica do grupo de pesquisa, foi constatado que as palavras mais repetidas nos títulos das produções editoriais foram em primeiro lugar “*olympics*” e suas variações, seguida da palavra “rio” e em terceiro lugar “zika”, sendo mencionada 20 vezes (dentro os três jornais selecionados pelo grupo). Ou seja, foi um assunto abordado de forma intensa pelos grandes jornais internacionais.

Desde o início do ano, entra em curso uma vasta epidemia do vírus zika no Brasil e nos demais países da América do Sul. De acordo com o Ministério da Saúde, no território brasileiro foram registrados 97.387 casos prováveis de infecção pelo vírus Zika de fevereiro de 2016 – quando a doença começou a ter a notificação obrigatória – até 2 de abril. Desse total, 7.584 gestantes tiveram provável infecção e em 2.844 grávidas o vírus Zika foi confirmado.

No período que antecedia as Olimpíadas houve uma grande especulação noticiosa de que a “epidemia” do vírus “zika” poderia levar ao cancelamento ou à transferência de sede dos Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro. O zika vírus se tornou uma ameaça não só para os brasileiros, mas também para todos os estrangeiros que tinham acesso aos meio de comunicação cuja grande parte do tempo se

dedicavam a repercutir assuntos relacionados ao vírus como a principal ameaça à Rio 2016.

Figura 1 – NYT: Preocupados com o Zika, mais tenistas estão “desistindo” das Olimpíadas.

Concerned About Zika, More Top Tennis Players Are Skipping Olympics

By BEN ROTHENBERG JULY 20, 2016



Seventh-ranked Milos Raonic has cited the Zika virus and a desire to focus on ATP events in saying he won't compete in Rio. Adam Pretty/Getty Images

Fonte: <http://www.nytimes.com/2016/07/21/sports/tennis/rafael-nadal-to-skip-rio-olympics-because-of-zika.html>

Devido a toda essa repercussão, alguns atletas ficaram confusos sobre qual decisão tomar em relação às Olimpíadas. Com base na notícia acima do New York Times, publicada no dia 20 de Julho de 2016, enquanto alguns participantes optaram por seguir os planos e os sonhos de participarem dos Jogos Olímpicos, como por exemplo o jogador brasileiro de tênis Soares - Enfatiza que as pessoas no Brasil estão vivendo uma vida normal e que no inverno não haverá casos de Zika, acreditando na hipótese de que a mídia estava atuando de forma parcial e exagerada, outros atletas já haviam se convencido de que seria inviável participar desse evento pois a saúde era mais importantes e vir ao Brasil provavelmente

acarretaria na aquisição do vírus. O tenista norte-americano Sloane Stephens afirmou que seu médico o aconselhou a não viajar ao Brasil alegando que “nós não sabemos o que pode acontecer lá”, porém ainda havia dúvidas.

Outro caso de grande repercussão durante o período anterior aos Jogos foi relacionado a goleira norte americana Hope Solo, que divulgou em suas redes sociais uma foto (Figura 2) que gerou grande polêmica.

Figura 2 – BBC: Goleira dos Estados Unidos, Hope Solo, e seu kit “Anti Zika”.



Fonte: <http://www.bbc.com/news/world-latin-america-36973853>

Na legenda ela afirmou que não iria dividir o material e aconselhou cada um a ter o seu próprio kit. A repercussão midiática em relação a foto foi tão grande que ocasionou a rejeição da atleta dentro de campo. Na maioria das partidas de futebol em que Solo participou, a torcida, principalmente brasileira, clamava “Zika! Zika!”. Neste ponto podemos comprovar o potencial que a mídia possui em aumentar a proporção de simples casos, que neste exemplo diz respeito a apenas uma foto publicada na rede social da goleira que devido a grande e rápida circulação, trouxe algumas consequências para a esportista.

Ao chegar no Brasil, Hope Solo se depara com os jornalistas e é uma das únicas a ceder entrevistas, ela pediu desculpas ao povo brasileiro, mas explicou o

motivo de tamanha preocupação: “Estou tentando ficar preparada o máximo possível. Só quero estar protegida, mas estou feliz de estar aqui, um país lindo. O povo brasileiro é muito gentil, sempre foram grandes fãs. Estou muito animada para jogar aqui. Eu não quis ofender ninguém, peço desculpas por isso, mas só quis vir preparada” – afirmou a americana, de acordo com uma notícia publicada no site G1 no dia 28/07/2016²⁰.

Para o jornal espanhol El País, os Jogos Olímpicos deveriam ser adiados pois a contaminação do vírus da Zika iria passar por rotas inesperadas, assim como ilustra a figura abaixo:

Figura 3 – EL País: Os jogos precisam ser adiados devido a propagação do Zika.

²⁰ <http://globoesporte.globo.com/sp/olimpiadas/noticia/2016/07/no-brasil-hope-solo-se-desculpa-por-foto-polemica-quis-vir-preparada.html>

“Hay que aplazar los Juegos: el zika se contagiará por vías insospechadas”

El epidemiólogo canadiense es el primer firmante de una carta en la que más de 170 científicos instan a la OMS y al COI a aplazar o cambiar de sede las competiciones

¿Cuáles son las consecuencias de mantener la celebración de los Juegos Olímpicos de Río con la amenaza del virus del Zika? Para los más de 170 científicos firmantes [de una carta que alerta de los riesgos](#) a la Organización Mundial de la Salud, su dispersión y contagio a lugares insospechados del planeta.



Fumigación contra el mosquito transmisor del zika del sambódromo de Río, en enero. / LEO CORREA (AP) / QUALITY

Fonte: http://internacional.elpais.com/internacional/2016/05/29/actualidad/1464545459_088495.html

De acordo com a notícia publicada no El País no dia 31 de Maio de 2016, mais de 170 cientistas pedem ao COI (Comitê Olímpico Internacional) e a OMS (Organização Mundial da Saúde) para adiarem ou transferirem a sede do evento para outro país. O principal argumento era de que cerca de meio milhão de visitantes de todo canto do mundo iriam participar dos Jogos e com isso aumentaria a possibilidade de propagação da epidemia quando os estrangeiros retornassem aos seus respectivos países. Eles também comentam, além da ideia do risco geral da visita ao Rio, sobre as condições do bairro onde a Vila Olímpica, está localizado na Barra da Tijuca.

Outra ideia presente dizia respeito aos atletas norte-americanos, em uma notícia da agência Reuters porém publicada pela Folha de São Paulo²¹, um dos mais populares jornais do Brasil, foi destacado que “O Comitê Olímpico dos Estados Unidos (USOC, na sigla em inglês) disse a federações esportivas do país que atletas e membros de comissões técnicas podem considerar não participar da Olimpíada de

²¹ Jornal brasileiro editado na cidade de São Paulo e o maior jornal de circulação do Brasil em formato digital e o terceiro no formato impresso,

2016, no Rio, em agosto, por causa da proliferação do vírus Zika no Brasil". A informação gerou grande desconforto e também grande indignação, afinal, os Estados Unidos são uma peça importante dentro dos Jogos. Na noite seguinte, a Folha de São Paulo divulga uma nova notícia, atribuindo o erro a Reuters, na qual afirmavam que os "EUA negam conselho para que atletas reconsiderem ida ao Rio": "O Comitê Olímpico dos EUA (USOC, na sigla em inglês) negou com veemência na noite desta segunda-feira (08/02/16) ter aconselhado os atletas do país a reconsiderar competir no Rio devido ao vírus zika. "A equipe dos EUA aguarda os Jogos ansiosamente e não impediu nem impedirá atletas de competir por seu país se eles se classificarem", afirmou o porta-voz da entidade, Patrick Sandursky²². Ou seja, através desse simples exemplo podemos notar como a mídia exerce influência de forma alarmista e sensacionalista na sociedade. A primeira notícia, isto é, a errada, ficou disponível para leitores durante mais ou menos 10 horas, o que torna impossível mensurar a quantidade de pessoas que absorveu essas informações, que no caso, não eram verídicas.

Durante os Jogos Olímpicos, a epidemia que supostamente poderia impedir a realização dos Jogos voltou a ser noticiada com frequência nos jornais New York Times, The Guardian e El País, porém nesse momento as notícias diziam respeito à países como Porto Rico, Colômbia, Espanha e Flórida. Não houve repórter que encontrasse algum vestígio da doença ou até mesmo do pernilongo transmissor no Rio de Janeiro e conseqüentemente, também não houve nenhum texto que mencionasse a doença de forma tão negativa e intensa como feito nas coberturas realizadas meses antes, ou seja, antes da realização do evento.

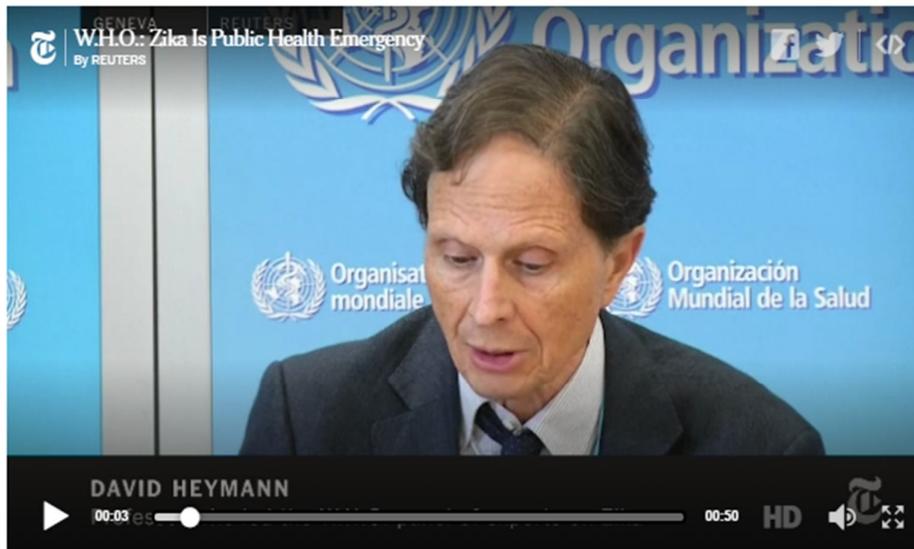
Se torna perceptível durante e após o evento a mudança no tom das reportagens disseminadas pelos mesmos jornais anteriormente citados, alegando a ausência de ocorrências de casos relacionados ao Zika Vírus, incluindo atletas e o público em geral. Como podemos perceber através das notícias abaixo da New York Times e da BBC:

Figura 4 - NYT: Não foram reportados nenhum caso de Zika durante os Jogos.

²² Fonte: <http://www1.folha.uol.com.br/esporte/olimpiada-no-rio/2016/02/1737909-comite-dos-eua-diz-que-atletas-podem-desistir-da-rio-2016-por-causa-do-zika.shtml>

No Zika Cases Reported During Rio Olympics, W.H.O. Says

By SABRINA TAVERNISE SEPT. 2, 2016



The World Health Organization said that Zika outbreaks continue to be identified in new geographic regions. The agency also expects an increase in transmission rates in summer months. By REUTERS on September 2, 2016. Photo by Roslan Rahman/Agence France-Presse — Getty Images. Watch in Times Video »

f t <> Embed

Fonte: http://www.nytimes.com/2016/09/03/health/zika-rio-olympics.html?_r=0

Figura 5 – BBC: Nenhum caso de Zika ocorreu nas Olimpíadas.

No Zika cases from Olympics, says WHO

2 September 2016 | Health

Zika virus outbreak

Share



The WHO consistently said the Olympics would not boost Zika risk

Fonte: <http://www.bbc.com/news/health-37257949>

Ao longo das competições, os meios de comunicação passaram a destacar outros tipos de problemas, deixando menos visível a ideia de que o Brasil não seria capaz de organizar uma Olimpíadas de forma correta.

4.2 INFRAESTRUTURA

O assunto da infraestrutura foi abordado por diversos veículos informacionais em todo o mundo. Até mesmo as notícias em âmbito nacional demonstravam certa apreensão quando se tratava da demora para finalização das obras.

Ao faltarem menos de cem dias para o início do evento, as obras ainda estavam inacabadas e, além disso, na mesma época, houve um episódio que se destacou na imprensa internacional: a queda de uma ciclovia que, teoricamente, era considerada parte das obras de melhoria para o público nacional e estrangeiro durante os jogos. Um trecho de cerca de 20 metros na Avenida Niemeyer, em São Conrado, na Zona Sul do Rio de Janeiro desabou na manhã do dia 21 de abril de 2016, pouco mais de três meses após sua inauguração, devido a uma falha de concepção do projeto. Grandes jornais, como por exemplo o americano New York Times relatou em uma de suas notícias que "Apesar de a Olimpíada não acontecer de fato na ciclovia, o acidente provavelmente vai causar preocupações sobre quanto o país está pronto para sediar os Jogos". Já a britânica "BBC" mostrou relatos de testemunhas e esclareceu que a ciclovia foi inaugurada no início do ano, mas que nenhum evento dos Jogos está previsto para acontecer ali. A BBC lembrou ainda que uma das promessas era ligar todas as ciclovias que passam pela costa e disse que o valor da obra foi de R\$ 44 milhões.

Figura 6 – BBC: Queda de ciclovia mata dois no Rio de Janeiro.

Rio de Janeiro cycleway collapses, killing two

© 22 April 2016 | Latin America & Caribbean

Share



Part of a coastal cycleway in the Brazilian city of Rio de Janeiro has collapsed, killing at least two people.

Fonte: <http://www.bbc.com/news/world-latin-america-36106308>

Este foi apenas um dos momentos marcantes que a mídia disseminou de forma intensa em seus meios informacionais. Já no que diz respeito as demais obras, houve grande disparidade entre as notícias disseminadas pelos canais.

Com base nas reportagens de algumas imprensas nacionais, as obras estavam adiantadas e de acordo com uma matéria publicada no site do G1, no dia 27/04/2016 o Comitê Olímpico Internacional realizou uma visita oficial em 13 de abril de 2016, e deu “selo de aprovação” ao confirmar que 98% das instalações estavam concluídas incluindo as quatro áreas de competição (Deodoro, Barra da Tijuca, Maracanã e Copacabana) e também os novos meios de transportes e as hospedagens, ou seja, a toda a infraestrutura dos Jogos Olímpicos. Porém, segundo o Jornal Estadão existia um atraso preocupante nas obras, que, de acordo com Aroldo Cedraz de Oliveira, vice-presidente do Tribunal de Contas da União, poderia não trazer consequências negativas graves, caso houvesse esforços concentrados por parte dos responsáveis.

Uma notícia que explicita de forma clara o ponto de vista da maioria dos *mass medias* foi publicada no Jornal Al Jazeera. De acordo com as informações da notícia, o Rio de Janeiro declarou que haveria um colapso total na segurança pública, saúde, educação, transportes e gestão ambiental se um empréstimo não fosse realizado. (Figura 6)

Figura 7 – Al Jazeera: Brasil concede U\$ 850 milhões ao Rio para ajudar nos Jogos Olímpicos.

BRAZIL 18 JUNE 2016

Brazil 'to give Rio \$850m' in aid for Olympic Games

Rio de Janeiro to receive emergency funds to pay for infrastructure and security during August games, reports say.



Fonte: <http://www.aljazeera.com/news/2016/06/brazil-give-rio-850m-aid-olympic-games-160618163415697.html>

O comunicado menciona que o Rio de Janeiro precisou receber fundos de emergência para poder arcar com os custos da infraestrutura e da segurança necessária durante os Jogos, especificamente para conseguir terminar uma linha de metrô que estava atrasada e seria essencial para a realização do transporte durante o evento. A notícia comenta de forma sucinta sobre a crise financeira do Rio de Janeiro e afirma que existe uma ameaça de interrupção dos serviços públicos durante as Olimpíadas, quando se espera que 500 mil visitantes estrangeiros visitem a cidade conhecida pela sua beleza natural. A maior emissora de televisão do mundo árabe relata que “Os Jogos Olímpicos do Brasil já foram prejudicados pela turbulência política que levou à suspensão da presidente Dilma Rousseff e a um

surto do vírus Zika, transmitido por mosquitos, que tem sido associado a malformações cerebrais em bebês”. Isto é, a maioria dos meios de comunicação abordavam frequentemente em uma única notícia diversos supostos problemas enfrentados pelo Brasil, e principalmente pela cidade sede dos Jogos.

Figura 8 – BBC: Comitê Olímpico Internacional afirma que Rio está pronto para sediar as Olimpíadas.

Rio 2016: City ready to host Olympic Games, says IOC

11 July 2016 | Olympics

Share



Fonte: <http://www.bbc.com/sport/olympics/36768248>

Ao nos depararmos com o título da reportagem (Figura 7) provavelmente imaginaríamos que as informações contidas nessa notícia diriam respeito ao que já estaria preparado para receber os atletas e o público, porém, ao tomar conhecimento do conteúdo desse comunicado, se torna claro o foco: retomar os problemas encontrados no período pré evento. Eles enfatizam que houve temores sobre a disponibilidade do Rio devido aos atrasos de construção, ao vírus Zika e às crises políticas. Também citam as infraestruturas que estavam inacabadas, e o caso da ciclovia já mencionado neste trabalho. Além disso, comentam sobre a péssima

qualidade da água na Baía de Guanabara²³, onde foram encontrados níveis elevados de vírus e bactérias – assunto o qual debateremos no próximo capítulo.

4.3 QUESTÃO AMBIENTAL

Ao tratarmos da questão ambiental nos Jogos Rio 2016, nos referimos basicamente a poluição das águas e principalmente, como já mencionado anteriormente, à Baía de Guanabara. Os meios de comunicação se referiam, em seus comunicados, ao alto nível de contaminação das águas através de piadas, as quais apesar do fundo cômico provocavam dúvidas em muitos indivíduos que participariam do evento olímpico. A figura abaixo ilustra uma reportagem divulgada no Jornal New York Times (Figura 9).

Figura 9 – NYT: Mantenham a boca fechada

²³ Local escolhido como sede das competições de vela das Olimpíadas do Rio 2016.

Keep Your Mouth Closed: Aquatic Olympians Face a Toxic Stew in Rio

By ANDREW JACOBS JULY 26, 2016



A body floated in June in Guanabara Bay. Officials say that the areas where athletes will compete meet international safety standards. Lalo de Almeida for The New York Times

Fonte: <http://www.nytimes.com/2016/07/27/world/americas/brazil-rio-water-olympics.html>

De maneira resumida, a notícia defende a suposta ideia de alguns experts em saúde, e também de alguns cientistas de que as águas do Rio de Janeiro estão mais contaminadas do que se pensava, e devido a isso o conselho dado é: “Nadadores de maratona, marinheiros e windsurfistas que competem nas águas do cartão-postal do Rio de Janeiro no próximo mês, mantenham a boca fechada”. De acordo com a reportagem, foram encontrados rotavírus que podem causar diarreia e vômito e também a “superbactéria” resistente a drogas que pode ser fatal para pessoas com sistemas imunológicos enfraquecidos. A matéria também aponta que pesquisadores da Universidade Federal do Rio encontraram sérias contaminações nas praias de luxo de Ipanema e Leblon. Em determinado momento é mencionado o pensamento de uma atleta de vela: “Só temos que manter a boca fechada quando a água jorrar”, disse Afrodite Zegers, 24 anos, membro da equipe holandesa de vela, que tem praticado na Baía de Guanabara.

Ou seja, a imagem de poluição e contaminação passou a afetar os atletas, que, ao cederem informações negativas à imprensa, acabavam disseminando uma concepção que causava receio, medo e amedrontamento aos que apenas tinham acesso a mídia e tomavam os dados transmitidos pela mesma como verídicos e cruciais e, dessa forma, parte do público abdicou do evento.

Uma animação criada pelo site humorístico Tomonews²⁴ mostra a poluição no Rio de Janeiro, notadamente com foco na Baía de Guanabara e na Lagoa Rodrigo de Freitas. Geralmente com o objetivo de criar polêmica, as produções se posicionam entre a realidade jornalística e o humor, e provavelmente permitem lucros provenientes dos anunciantes por conta da audiência. Após viralizar na rede mundial de computadores, principalmente no Brasil, o vídeo publicado tendo como chamada “Brasil deve cancelar as Olimpíadas porque ninguém quer morrer por participar” vem causando polêmica entre os internautas nas redes sociais –alguns apoiam as críticas, outros fazem a defesa do Rio. O vídeo traz atletas remando em meio ao esgoto, turistas e competidores com diarreia, vômito, e ainda destaca o Cristo Redentor defecando. Também mostra atletas recebendo vacinas e um banho de água sanitária depois de saírem da água. (Figura 10 e 11)

Figura 10 – Ilustração de uma parte vídeo produzido pelo site chinês Tomonews sobre a poluição nas águas do Rio de Janeiro.



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=oq-QaEdLurc>

Figura 11 – Tomonews: Ilustração de uma parte vídeo produzido pelo site chinês Tomonews sobre a poluição nas águas do Rio de Janeiro.

²⁴ Site humorístico chinês que faz animações a partir de notícias.



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=oq-QaEdLurc>

Para finalizar este estudo de caso, iremos expor algumas notícias que englobavam de forma geral e negativa os três assuntos discutidos acima, e posteriormente passaram a se referir ao Jogos Rio 2016 por um outro ângulo.

Figura 12 – NYT: Olimpíada fez o Brasil esquecer seus graves problemas.

Olympic Revelry Distracts Brazil (Momentarily) From Its Woes

By ANDREW JACOBS AUG 13, 2016



Olympic staff members at the site of the rowing competition in Rio de Janeiro on Wednesday, after races were postponed because of inclement weather. Mauricio Lima for The New York Times

Fonte: <http://www.nytimes.com/2016/08/14/world/americas/olympics-brazil-woes.html?smid=tw-nytimesworld&smtyp=cur&r=1>

Mesmo com a epidemia do Zika Vírus, com os problemas ambientais e a indevida infraestrutura, o Brasil está em uma espécie de "lua de mel" com a Olimpíada no Rio de Janeiro, escreveu Andrew Jacobs em um texto publicado no jornal "The New York Times" após a finalização do evento. Segundo a publicação, todas as notícias ruins foram suplantadas por um inesperado "caso de amor" com os jogos olímpicos que "amoleceram os corações mesmo dos mais resistentes que agora estão desfalecidos com o orgulho", "O Rio é uma maravilha", destaca o Jornal em uma de suas frases, e conclui a notícia dizendo que "períodos de euforia costumam dar lugar a ressacas desagradáveis".

Já o Jornal Al Jazeera elogiou a cerimônia de abertura dos Jogos em uma reportagem a qual afirmava que Os Jogos Olímpicos de 2016 no Rio declaravam-se abertos com uma colorida cerimônia que celebrava a história do Brasil e sua cultura diversa. "Esta cerimônia de abertura teve muito a sensação brasileira de design, sendo esta uma das Olimpíadas históricas, a primeira vez que se realizou na América do Sul", disse Gabriel Elizondo, da Al Jazeera, no Rio de Janeiro.

Rio 2016: Olympic Games declared open in dazzling show

The 2016 Olympic Games in Rio declared open with colourful ceremony celebrating Brazil's history and diverse culture.



Fonte: <http://www.aljazeera.com/news/2016/08/rio-2016-olympic-games-declared-open-dazzling-show-160806034929488.html>

Figura 14 – El País: E tudo saiu bem na Rio 2016, imperfeitamente maravilhosa.

E tudo saiu bem na Rio 2016, imperfeitamente maravilhosa

O sucesso da Olimpíada surpreendeu o mundo e os próprios brasileiros

CARLA JIMÉNEZ

São Paulo - 22 AGO 2016 - 14:19 BRT



Jogadores de vôlei comemoram o ouro do Brasil que fechou a Rio 2016 /J. MABROMATA (AFP)

Fonte: http://brasil.elpais.com/brasil/2016/08/21/opinion/1471813304_331779.html

O Jornal El País – Brasil retoma uma frase dita por uma finlandesa chamada Leslie Shannan, que veio ao Brasil acompanhar a Rio 2016 e resumiu sua passagem pela Olimpíada brasileira: “Fomos muito injustos com vocês. Tudo foi perfeito”. Muita gente pode vestir a carapuça da turista entusiasmada, mas ela não estava sozinha quando tinha dúvidas e medo do que esperar sobre o evento. Havia inúmeros motivos para crer que o Brasil passaria uma vergonha mundial com os Jogos Olímpicos, expostos de forma exaustiva pela imprensa nacional e internacional, incluindo o El País.

De véspera, as mídias torturaram o mundo mostrando tudo o que poderia dar errado, era Zika Vírus, poluição das águas, estado de calamidade pública e até mesmo o terrorismo que formavam as listas do suposto futuro fracasso dos Jogos Rio 2016. No final deu tudo certo, afirma a notícia do El País, nada de muito grave ocorreu.

Portanto, a narrativa que se solidificou entre os jornais estrangeiros foi de que o mundo esportivo conseguiu sobreviver a esse turbulento e incivilizado país, que é o Brasil. Porém, enfim admitiram o sucesso na realização dos primeiros Jogos Olímpicos sediados por um país sul-americano, reconhecendo os momentos de exagero e sensacionalismo divulgados para toda a sociedade internacional.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos concluir que o campo de estudo que versa sobre a mídia quando articulada às relações internacionais possui um vasto material a ser analisado, porém, se mantém como um cenário complexo de grandes desafios para os estudiosos, principalmente devido ao surgimento de novos atores e pela interdependência constatada entre eles.

Buscamos através deste trabalho demonstrar que a mídia pode ser considerada um ator emergente das relações internacionais e não deve ser vista apenas como uma ferramenta que propaga informações de forma uniforme e imparcial, afinal, participa de maneira eficaz e significativa na condução de questões importantes e fundamentais para a sociedade internacional. Com essa informação em vista, devemos sempre conseguir visualizar os dois lados que os meios de comunicação em massa possuem - A globalização, os avanços tecnológicos nas áreas comunicacionais e informacionais trouxeram inúmeros benefícios para a política externa dos países, para a formação das agendas dos mesmo e também para a sociedade, em contrapartida demonstram a fragilidade do sistema e dos que os governam, pois em alguns status que podem ser adquiridos pela mídia, existe a possibilidade de consequências negativas - É exatamente esta caracterização que a torna um ator singular, de múltiplas faces capazes de se alterarem em diferentes situações. Ao estudarmos a mídia enquanto ator controlador, constrangedor, interventor e instrumental foi possível, após uma explanação pontual de cada status, entender que a classificação da mídia requer a inclusão de uma infinidade de variáveis, pois seu comportamento se transforma de acordo com o contexto e com as forças políticas envolvidas. Nesse sentido, é plausível dizer que as exemplificações referentes a cada uma dessas faces foram de suma importância para o bom entendimento da atuação da mídia.

Partindo desse pressuposto, o desenvolvimento deste trabalho permitiu confirmarmos, através da Teoria de Joseph Nye, que os meios de comunicação podem ser considerados um tipo de *soft power* e a mídia aumenta, cada vez mais, sua capacidade de influência para com os demais atores. É importante frisar que, mesmo com a emergência de novos agentes estatais e não estatais no cenário internacional, ainda devemos reconhecer a relevância do papel do Estado, que se mantém como principal ator das relações internacionais, bem como afirmava a teoria

Realista. O que se modificou de fato foi que, novas ferramentas foram criadas permitindo que o Estado potencializasse suas formas de poder em prol de seus objetivos próprios, porém não de forma egoísta, pois no mundo contemporâneo a interdependência existente entre todos esses atores estatais e não estatais não permitiria que um Estado se fortalecesse. Nesse momento lembramos que dentre os paradigmas analisados, o que diz respeito a interdependência foi o mais adequado para explicar o funcionamento do sistema internacional contemporâneo.

Durante outro momento dessa pesquisa, foram abordadas as teorias da comunicação, que permitiram uma visualização mais ampla referente a evolução das pesquisas que buscavam compreender o fenômeno da comunicação e sua influência sobre a opinião pública internacional. Notamos durante essa evolução que, inicialmente, os teóricos buscavam atrelar a mídia apenas as propagandas políticas e opiniões políticas, e que com o tempo, se ampliaram, englobando outros âmbitos. Além disso, é preciso reconhecer a importância dos equívocos cometidos nos estudos pioneiros e confirmar, por exemplo, que atualmente temos conhecimento sobre o poder da mídia em selecionar os temas, assim como a competência dos indivíduos em filtrar os dados obtidos. Dessa forma, a teoria da *Agenda Setting* se mostra importante pois nos permitiu concluir que efetivamente a mídia pode não ter a capacidade de influenciar diretamente como as pessoas devem pensar e agir, porém, pode influenciar substancialmente no que elas pensarão. O *framing* também se torna um fator importante pois ilustra como os meios de comunicação criam quadros interpretativos sobre os temas em pauta.

Também percebemos que grande parte dos estudos relacionados ao papel dos *mass media* em âmbito internacional são realizados por pesquisadores de comunicação e não por próprios estudiosos das relações internacionais, porém, existem inúmeras contribuições referentes as relações internacionais, por exemplo quando há envolvimento da mídia em grandes guerras, campanhas políticas e eventos globais, como é o caso das Olimpíadas.

Nesse ponto, nos referimos ao último capítulo do trabalho, que diz respeito a um estudo de caso acerca das Olimpíadas Rio 2016, onde pudemos demonstrar de forma exemplificativa a influência dos meios de comunicação e das notícias por eles transmitidas na população, que no caso, engloba atletas e o público.

Notamos durante a exposição do tema que a mídia possui capacidade de atingir grande massa em uma velocidade imensurável e justamente por essa razão,

influenciou de forma direta os indivíduos. Procuramos nos embasar apenas nas informações disseminadas por veículos de comunicação de grande reconhecimento internacional (com a pretensão de selecionar meios de todos os continentes), e refletimos sobre os principais temas abordados por eles - Zika Vírus, a infraestrutura do Rio de Janeiro e o meio ambiente – Esta pesquisa portanto, teve como intuito a comprovação de que a mídia agiu de forma tendenciosa ao transmitir notícias que se referiam de forma negativa ao Brasil e aos Jogos no período antecedente ao evento e, no período posterior ou até mesmo durante as competições, passou a expor ideias completamente diferentes das anteriormente divulgadas.

Constatamos que a mídia se encontra em constante transformação e isso ainda poderá causar inúmeras mudanças dentro do cenário internacional, tornando-se necessária a análise minuciosa das pesquisas relacionadas a influência da mídia como novo ator das relações internacionais.

O presente trabalho sintetizou de forma simples um assunto considerado complexo e, portanto, deixa claro o objetivo de aprofundamento sobre o tema em futuros artigos ou em uma nova fase da pesquisa, admitindo a carência de determinados detalhes relativos à matéria em questão. É necessário por exemplo, destacar o papel primordial da mídia, não somente no âmbito esportivo, mas também no econômico e político, estabelecendo variáveis e indicadores que possam ser úteis para a comparação da forma como ela atua, considerando suas preferências e influências.

6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, Theodor W. Indústria cultural e sociedade. Tradução de Julia Elisabeth Levy. São Paulo: Paz e Terra, 2002. p. 43.

ARBEX JR., José. Showrnalismo: A Notícia Como Espetáculo. São Paulo

AZEVEDO, Fernando Antônio. A agenda da mídia na campanha presidencial de 1998. In: ENCONTRO NACIONAL DA COMPÓS, 9., 2000, Porto Alegre.

BARTH, Fernanda. Mídia, política e pesquisas de opinião pública. Revista Debates, Porto Alegre, v.1, n. 1, 2007. p. 26.

BURITY, Caroline. Influência da Mídia Nas Relações Internacionais: Um Estudo Teórico a Partir do Conceito de Diplomacia Midiática. Paraíba, 2013.

CAMARGO, Julia. O Papel Dos Atores Domésticos no Processo de Tomada de Decisão em Política Externa: Uma Análise da Mídia. 2007.

CASTELLS, Manuel. A Sociedade em Rede: Do Conhecimento a Ação Política
COHEN, B. C. (1963) *The Press and Foreign Policy*, Princeton, Princeton University Press.

GILBOA, Eytan. *Diplomacy in the Media Age: Three Models of Uses and Effects*.

GILBOA, Eytan. *Global Television News and Foreign Policy: debating the CNN Effect. International Studies Perspectives*. 2005, p. 325-34.

GILBOA, Eytan. Media-Broker Diplomacy: When Journalists Become Mediators. *Critical Studies in Media Communication*, 2005, p.99-120. Disponível em:
<<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/94242/284318.pdf?sequence=1>> Acesso em: 18/08/2016>

JESUS, Diego. Juntos Num Só Ritmo? Diplomacia e Esporte Internacional. Rio de Janeiro, 2014. Disponível em:
<<https://revistas.ufrj.br/index.php/Record/article/download/1301/1501>>

KEOHANE, Robert; NYE, Joseph. Power and Interdependence. Londres: Harper Collins, 1989.

MCCOMBS, M. , SHAW, D. L. (1972) *The agenda-setting function of mass media. Public Opinion Quarterly*. p. 176-187

NYE JR., Joseph S. *Leadership e potere: Hard, soft, smart power*. Roma: Laterza, 2009.

NYE Jr., Joseph S. O Paradoxo do Poder Americano: Por que a única superpotência do mundo não pode prosseguir isolada. Tradução de Luiz Antônio Oliveira de Araújo. São Paulo: UNESP, 2002.

NYE, Joseph. *Soft Power. The Means to Success in World Politics*. 2004.
OLIVEIRA, Rafael Santos. A mídia como ator emergente das Relações Internacionais: seu protagonismo no uso do softw power frente as mudanças climáticas. Univerisade Federal de Santa Catarina, Florianópolis 2010. <Disponível em:

OLIVEIRA, Rafael Santos. O *Soft Power* das Novas Mídias nas Relações Internacionais. <Disponível em: <http://www.kas.de/wf/doc/16472-1442-5-30.pdf>>. Acesso em: 19/05/2016

ROTHKOF, David. *Cyberpolitik: the changing nature of power in the Information Age. Journal of International Affairs*, v. 51, 1998.

SANTOS, Andressa. O Realismo na Teoria das Relações Internacionais. Faculdade Damas, 2012. Disponível em: <
://www.faculdadedamas.edu.br/revistas/index.php/relacoesinternacionais/article/view/File/133/108> Acesso em: 02/10/2016

SILVERSTONE, Roger. *Why Study the media?* Londres, 1999.

THOMPSON, John B. A Mídia e a Modernidade: Uma Teoria Social da Mídia. Tradução de Wagner de Oliveira Brandão. 5. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002. p. 21.

TOFFLER, Alvin. *Powershift: As Mudanças do Poder*. Tradução de Luiz Carlos do Nascimento Silva. 6 ed. Rio de Janeiro: Record, 2003. p. 39.

VALENTE, Leonardo. *Política Externa na Era da Informação*. Rio de Janeiro: Revan, 2007.